PENTAGRAMA

Revista bimestral do
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

Outubro 1999 - ano vinte e um nº 5

Mani, um mensageiro que abalou o mundo

"Continuo firme diante da Porta da Verdade"

Uma visão revolucionária do mundo e da humanidade

Da iluminação à profecia

A sabedoria é mais importante na língua que no coração

A constituição da igreja de Mani

O caminho quíntuplo da libertação segundo Mani

Texto extraído dos Salmos de Mani

A criação segundo a cosmologia de Mani

O restabelecimento do fogo serpentino

"Permanece eternamente voltado para a tua missão"

"Vim para fazer ressoar um grito em todo o mundo"

Encontro do caminho horizontal e do caminho vertical

Manuscritos do tempo de Mani e de seus discípulos

A senda do Maniqueísmo

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho de transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.

© Stichting Rozekruis Pers. Reprodução proibida sem autorização prévia.

ÍNDICE

2 MANI, UM MENSAGEIRO QUE ABALOU O MUNDO

6 "CONTINUO FIRME DIANTE DA PORTA DA VERDADE"

8 UMA VISÃO REVOLUCIONÁRIA DO MUNDO E DA HUMANIDADE

15 A SENDA DO MANIQUEÍSMO

21 DA ILUMINAÇÃO À PROFECIA

24 "VIM PARA FAZER RESSOAR UM GRITO EM TODO O MUNDO"

29 A CONSTITUIÇÃO DA IGREJA DE MANI

30 O CAMINHO QUÍNTUPLO DA LIBERTAÇÃO SEGUNDO MANI

31 TEXTO EXTRAÍDO DOS SALMOS DE MANI

32 A CRIAÇÃO SEGUNDO A COSMOLOGIA DE MANI

33 O RESTABELECIMENTO DO FOGO SERPENTINO

35 "PERMANECE ETERNAMENTE VOLTADO PARA A TUA MISSÃO"

38 ENCONTRO DO CAMINHO HORIZONTAL E DO CAMINHO VERTICAL

40 MANUSCRITOS DO TEMPO DE MANI E DE SEUS DISCÍPULOS

43 A SABEDORIA É MAIS IMPORTANTE NA LÍNGUA QUE NO CORAÇÃO

1999
ANO VINTE E UM
NÚMERO 5

MANI, UM MENSAGEIRO QUE ABALOU O MUNDO

"Vim do país de Babel, para fazer ressoar um grito em todo o mundo." É assim que um escritor libanês, Amin Maloouf, fala sobre o chamado e a mensagem de Mani no livro "Jardins de Luz". É este grito que Mani fez ressoar durante quase sessenta anos, no decorrer de uma longa peregrinação através de inúmeros países; e é a partir das regiões da Luz que ele lançou seu chamado e trouxe sua mensagem para toda a humanidade.*

Consagramos esta edição de Pentagrama a este homem tão especial e a sua doutrina. Ele foi um destes enviados do Reino da Luz, como muitos que já vieram e ainda virão enquanto os homens ainda continuarem a rodar em falso no mundo dos opostos e das trevas. Hoje está surgindo um interesse cada vez maior por sua pessoa e por sua doutrina, apesar de todos os esforços extremamente minuciosos para apagar da história os vestígios do chamado, dos ensinamentos de Mani e até mesmo de sua existência. Não é de se espantar, pois chegou a hora em que a Verdade universal pode ressurgir das trevas da impostura e do erro para finalmente falar ao coração de muitos.

Graças às pesquisas de especialistas em religião, hoje Mani é objeto de inúmeros textos. Nestes últimos anos, a descoberta de textos maniqueístas originais lança um foco de luz diretamente sobre ele, sua Fraternidade, sua Igreja, e sua doutrina. Até bem pouco tempo, apenas possuíamos os textos de seus adversários e os comentários impiedosos que sempre fluíam de suas penas, durante os 1200 anos de duração da Igreja maniqueísta. Mani foi um dos grandes mensageiros da Luz, da Gnosis, e ele tem seu lugar ao lado de Jesus, de Buda, de Zoroastro e de Hermes Trismegisto: com a diferença, entretanto, que ele redigiu um grande número de textos, sendo que somente alguns deles sobreviveram à fúria destruidora de seus adversários. Estes textos testemunham com grande evidência que sua doutrina era baseada no pensamento gnóstico original.

Alguns especialistas o chamam de "o último grande gnóstico de nossa era", pois ele realmente cria raízes gnósticas para seus alunos, falando claramente de duas ordens de natureza: o reino da Luz, em que o microcosmo ainda participa do Espírito e do campo espiritual da natureza divina, e o reino das Trevas, onde uma parte da humanidade original tornou-se prisioneira: ou seja, onde ela caiu e afundou. Mani também fala sobre a centelha de Luz que está ligada à matéria, ao ser mortal que vive no mundo material, e conta como ela acabou ficando prisioneira neste mundo. Ele também fala de dois princípios: Deus e a matéria; ou a Luz e as Trevas; a Verdade e a mentira. O chamado de Mani é claro e profundo: a centelha de Luz deve voltar ao reino da Luz que ela um dia abandonou; e o homem terrestre deve se consagrar a esta tarefa de tal modo que o Homem original renascido possa retornar ao Reino da Luz.

Naturalmente, a doutrina dualista de Mani foi reprovada por muitos. Mas sua doutrina dos dois princípios diz respeito a uma dualidade diferente da que geral-

mente é admitida; ela tem um significado mais profundo. Tentaremos traçar uma imagem disto. O mundo das forças contrárias, a natureza dialética, um dia foi separado da natureza divina. Mas, por mais que a natureza dialética não faça parte da Fonte original, ela não pode ter existência sem esta fonte; assim, tornou-se, por assim dizer, uma sombra do mundo original da Luz, que é o mundo do Espírito. Da mesma forma, o homem dialético é uma sombra, uma aparência do Homem-Espírito original.

Como todos os enviados, Mani estava consciente, desde sua juventude, de sua missão particular. Com doze anos, esta missão lhe foi confirmada por uma profunda revelação interior, que o tornou claramente consciente de sua tarefa. Em seguida, ele estudou todas as religiões e filosofias. Com vinte e quatro anos, aconteceu uma segunda revelação por intermédio do "Outro" dentro dele, que ele chama de seu "gêmeo" ou de seu "companheiro". Assim, a Alma-Espírito em seu microcosmo foi sendo seu guia no decorrer de sua longa viagem. A Alma-Espírito e o Espírito-Santo estavam unidos dentro dele. A partir deste momento, ele ficou consciente de que era um Apóstolo da Luz, um enviado. A palavra "*apostolos"* em grego quer dizer "enviado" ou "mensageiro". O Apóstolo da Luz é chamado para transmitir aos homens a mensagem de Deus, do Reino da Luz, do Espírito.

Mani, que havia estudado todas as religiões precedentes, assim como as religiões de seu tempo, achou que a Verdade somente estava presente em parte nestas religiões. Para ele, até mesmo os evangelhos cristãos não são autênticos: as ervas daninhas pululam dentro deles. Ele também rejeita o Antigo Testamento porque, como diz, mistura erros e enganos ao puro cristianismo original e à mensagem de Jesus. Ele tinha a missão de restaurar a luz

Mani instruindo seus discípulos.

sobre o que restava da Verdade universal nas grandes religiões, e daí arrancar as ervas daninhas: ele acreditava que uma nova era estava começando, e então o Chamado deveria ressoar de novo, livre de qualquer desvio.

O chamado, a doutrina de Mani, assim como sua pessoa, abalaram o mundo.

Seus pais provinham de uma família de príncipes: ele era filho de um rei. Mas ele se sobressai principalmente como um portador de Luz, reunindo em si todas as faculdades, tanto humanas como divinas. Era um enviado da Luz, grande mestre da Gnosis; e, ao mesmo tempo, era cirurgião, médico sob todos os aspectos, artista, pintor, escritor de talento. Resumindo: ele foi um homem que possuía dons incrivelmente diversificados, que teve inúmeros amigos e discípulos, mas que, por outro lado, foi ferido por uma hostilidade impiedosa, pois seu chamado e sua doutrina questionavam as doutrinas aberrantes de seu tempo. Aqueles que queriam restabelecer e conservar as antigas religiões, que se tornaram caducas, para manter o poder sobre os homens, voltaram-se contra ele. Com força – pois era um orador de talento dotado de um grande carisma – ele proclamava que eles apenas estavam vendo a Verdade de forma alterada e incompleta nas religiões existentes, pois ela havia perdido sua pureza; e que, afinal, uma meia-verdade não passa de uma mentira. É por isso que era preciso re-ligar a humanidade à Verdade completa e pura.

Dizem que sua doutrina é um conjunto de elementos tomados de outras doutrinas. Não poderiam dizer melhor: ele recolheu os fragmentos da Verdade existentes para colocá-los em plena luz. Também o reprovam por ter baseado seus ensinamentos em revelações interiores e pessoais. Mas não é isto o que acontece, tanto hoje como sempre, com todos os mensageiros e enviados? Não está escrito que tudo o que Jesus ensinava vinha de seu Pai? E não foi em uma visão que Hermes Trismegisto entrou em contato com a Verdade universal?

Mani começava suas cartas à comunidade com a fórmula: *"Mani, Apóstolo de Jesus Cristo".* Ele a havia escolhido porque se considerava um autêntico apóstolo de Cristo e sobretudo do Espírito Santo, do qual Jesus dizia: *"Eu vos enviarei o Consolador, o Paracleto"*. Mani foi o fundador de uma religião mundial que se espalhou do oceano Atlântico ao oceano Pacífico e foi seguida durante mais de mil anos, da Espanha à China, incluindo o Egito e quase todo o mundo árabe.

Até bem pouco tempo, quase nada havia sido descoberto destes acontecimentos tão poderosos, principalmente porque sempre houve quem se esforçasse para fazer com que as pessoas se esquecessem da mensagem de Luz e para que ela desaparecesse e fosse destruída. No epílogo de *Jardins de Luz*, Amin Maalouf resume brilhantemente este drama:

"De seus livros, objetos de arte e de fervor, de sua fé generosa, de sua busca apaixonada, de sua mensagem de harmonia entre os homens, a natureza e a divindade, nada mais resta. De sua religião de beleza, de sua sutil religião do claro-escuro, guardamos apenas estas palavras: "maniqueístas", "maniqueísmo", que em nossas bocas se transformaram em insulto, porque

todos os inquisidores de Roma e da Pérsia se uniram para desfigurar, para apagar Mani. Seria ele tão perigoso que foi preciso persegui-lo até mesmo em nossa memória?

— "Vim do país de Babel, dizia ele, para fazer ressoar um grito em todo o mundo."

*Durante mil anos, seu grito foi ouvido. No Egito era chamado de 'O apóstolo de Jesus'; na China, de 'O Buda de Luz'; sua esperança florescia às margens de três oceanos. Mas logo se instalou o ódio, a perseguição. Os príncipes deste mundo o amaldiçoaram; para estes príncipes, ele se transformara no 'demônio mentiroso', no 'recipiente repleto do mal' e, com seu humor raivoso, no 'maníaco'; sua voz, num 'pérfido encantamento'; sua mensagem, na 'ignóbil superstição', na 'heresia pestilenta'. Depois, os carrascos fizeram seu trabalho, consumindo-lhe em um mesmo fogo tenebroso os escritos, os ícones, os mais perfeitos dos discípulos e aquelas mulheres altaneiras que se recusavam a cuspir em seu nome." **

Caro leitor, acabamos de entrar no ano 2000. No decorrer destes últimos dois mil anos muitos mensageiros, assim como seus discípulos, foram exterminados. Mas nenhuma religião foi tão perseguida, de forma impiedosa e cruel, como a de Mani. Inúmeros foram os mártires. Para confirmar isto, precisamos apenas mergulhar na história da Gnosis. Na maior parte do tempo, infelizmente não sobraram mais do que a mentira e o esquecimento milenar.
Queremos colocar Mani em plena luz, a luz da Gnosis, pois chegou a hora em que muitos estarão buscando a Luz dentro de suas almas, buscando o caminho de volta para o Reino da luz: e isto vai acabar fazendo com que o Reino das Trevas mergulhe no abismo.
O único e poderoso "grito" ressoará para sempre!

A redação

Salmo do Bema, festa da ressurreição de Manas, o Homem original (Fayum, Egito, 1930).

* Amin Maalouf, Les Jardins de Lumière, p. 337, J.- C. Lattès, 1991 e edição brasileira (Jardins de Luz) pela Record, Rio de Janeiro, 1999, páginas 251 e 252.

"Continuo firme diante da Porta da Verdade"

Segundo a lenda, Mani nasceu na Pérsia, no dia 14 de abril de 216, em um local próximo de Selêucida-Ctésifon, região que, de 2100 a.C. até 602 d.C., foi o centro de uma poderosa civilização. Daí veio o apelido árabe de "al-babilyu" , o babilônio, que as pessoas atribuíam a ele, e seus títulos de "mensageiro do Deus da Verdade, vindo da Babilônia" e de "médico de Babel".

Babel significa, ao mesmo tempo "a porta do céu" e "o lugar em que aconteceu a confusão das línguas". Mani insistiu no papel central desempenhado pela Pérsia como mediadora entre o Oriente e o Ocidente (designação simbólica para o Céu e a Terra). Quanto ao restante, não é fácil descobrir o que há de místico e de histórico a respeito do nascimento de Mani. *"Sou um discípulo fiel"*, diz Mani, *"como o desabrochante botão de uma flor do país de Babel. Vim do país de Babel e continuo firme diante da Porta da Verdade. Sou um discípulo que veio do país de Babel —— e vou-me embora fazendo pregações. Vim do país de Babel para fazer ressoar um Chamado no mundo."*

As condições maravilhosas de seu nascimento anunciado por sonhos e predições assemelham-se às de Jesus, de Buda e muitos outros grandes instrutores do mundo. O *Compendium chinês* de 731d.C. relata que a mãe de Mani observava as regras da continência e que ela ficou grávida depois de ter comido uma romã, que é o símbolo da união espiritual [símbolo da pineal]. Os chineses o chamavam de *"Buda de Luz"* e os egípcios de *"Apóstolo de Jesus"*. Pelo lado paterno, ele pertencia a uma família de príncipes partas; pelo lado materno, a uma família próxima dos arsácidas, que eram soberanos partas que estavam no poder, mas cuja supremacia logo iria sucumbir aos golpes do Persa Ardashir. Esta transformação política, que coincidiu com a primeira revelação que Mani recebeu aos doze anos, teve conseqüência importantes, pois a Pérsia tornou-se novamente a primeira nação do mundo.

Na primeira metade do século III, a Pérsia era a grande confluência em que se cotejavam as grandes religiões da época e as correntes filosóficas: a gnosis de Bardesanes, de Marcion, de Valentino, o judaísmo, o cristianismo gnóstico, o budismo, o bramanismo, o taoísmo, as religiões caldaico-babilônicas. Sob o império dos últimos arsácidas, os pensamentos grego e indiano haviam penetrado na mentalidade religiosa dos persas, e o mazdeísmo, "a religião da Luz, de Zoroastro", foi negligenciada.

Para sustentar seus propósitos, os primeiros soberanos sassânidas instituíram um novo regime teocrático que favorecia o mazdeísmo como religião do estado, em detrimento do maniqueísmo. Mas foram favoráveis a ele durante muito tempo, em razão de seu caráter universal e tolerante, e porque os persas o consideravam como uma forma de zoroastrismo e não como uma nova religião.

Quando Mani fez quatro anos, seu pai o tirou da guarda da mãe e o trouxe para perto de si, entre os *elcassaítas* que formavam uma comunidade religio-

sa à qual ele pertencia. Seus membros eram fiéis a Cristo, que representava o último desenvolvimento do homem Jesus. Eles seguiam as regras estritas de purificação do ritual mosaico. Podemos considerá-los como sendo aparentados, em espírito, aos essênios, entre os quais, segundo algumas tradições, Jesus teria passado algum tempo. De acordo com o *"Codex Keulse"*, é nesta comunidade de "puros" que Mani teria vivido durante vinte e um anos, antes de tomar consciência de que estava sendo chamado e de começar sua obra em 240.

Há duas citações no Codex (13 e 18) que dizem que o Espírito Santo revelou-se internamente a ele sob a forma de "Divino Companheiro", o Anjo at-Taum, que o preparou para estabelecer uma nova religião do Espírito, uma Igreja interior, a serviço da Luz. Nos textos maniqueístas coptas, este companheiro é chamado de Saís e nos *Kephalaia* ele é chamado de "O Paracleto Vivo". O transfigurista gnóstico Jan van Rijckenborgh nos diz a respeito deste "Outro" em nós:

"O Companheiro mora em nosso ser,
Maravilha do Jardim das Rosas.
Sua voz fala sobre a única Vida,
E canta
Os louvores do Nirvana em nós."

"O sublime espelho de mim-mesmo"

Estas "visões" que Mani teve aos 12 e aos 24 anos foram decisivas para sua "iluminação". Assim, ele tornou-se um "salvador", como Buda (termo que significa "o iluminado", "o ressuscitado", ou "o desperto") e Jesus (que no hebraico "Iehoshuo" significa "Jeová salvador").

Mani, apóstolo de Jesus Cristo (ilustração síria).

*"Quando meu corpo atingiu seu desenvolvimento, de repente, de improviso, desceu e surgiu diante de mim este espelho de mim-mesmo, tão belo e tão sublime. Quando fiz 24 anos, no ano em que Ardashir, o rei da Pérsia, submeteu a cidade de Atra, onde o rei Shapur, seu filho, foi coroado com o grande diadema, no mês de Farmutí, o oitavo dia da lua, o Senhor bem-aventurado envolveu-me em piedade e me chamou para a sua graça, e enviou-me do alto meu Gêmeo [...] Quando ele veio, ele me libertou, me apartou e me retirou do meio desta Lei na qual eu havia crescido. É assim que ele me chamou, me escolheu e me separou do meio destas pessoas".**

* Tardieu M., Le Manichéisme (O Maniqueísmo).

UMA VISÃO REVOLUCIONÁRIA DO MUNDO E DA HUMANIDADE

"O homem somente deve acreditar naquilo que vê com seus próprios olhos". (Mani)[1]

Os ensinamentos de Jacob Boehme (1575-1624) mostram uma grande semelhança com a doutrina gnóstica de Mani. Muitos "amantes da sabedoria" e teólogos de sua época e dos séculos que se seguiram foram profundamente influenciados por suas idéias.

Boehme escreveu em seu livro *A assinatura das coisas*, as seguintes palavras, que Mani poderia ter dito: *" O homem é criado por Deus a sua imagem e a sua semelhança. Quaisquer que sejam suas atividades, a mais útil é de sempre meditar sobre sua condição e perguntar-se o que ele é e de onde vêm o bem e o mal. É com estes pensamentos que ele encontrará a cura para seu corpo e para sua alma e que ele aprenderá a operá-la; ele saberá como deve se preparar para que seu corpo e sua alma se abram ao trabalho de salvação. Ele conhecerá seu criador e os mistérios das sublimes maravilhas de Deus lhe serão revelados."* [2]

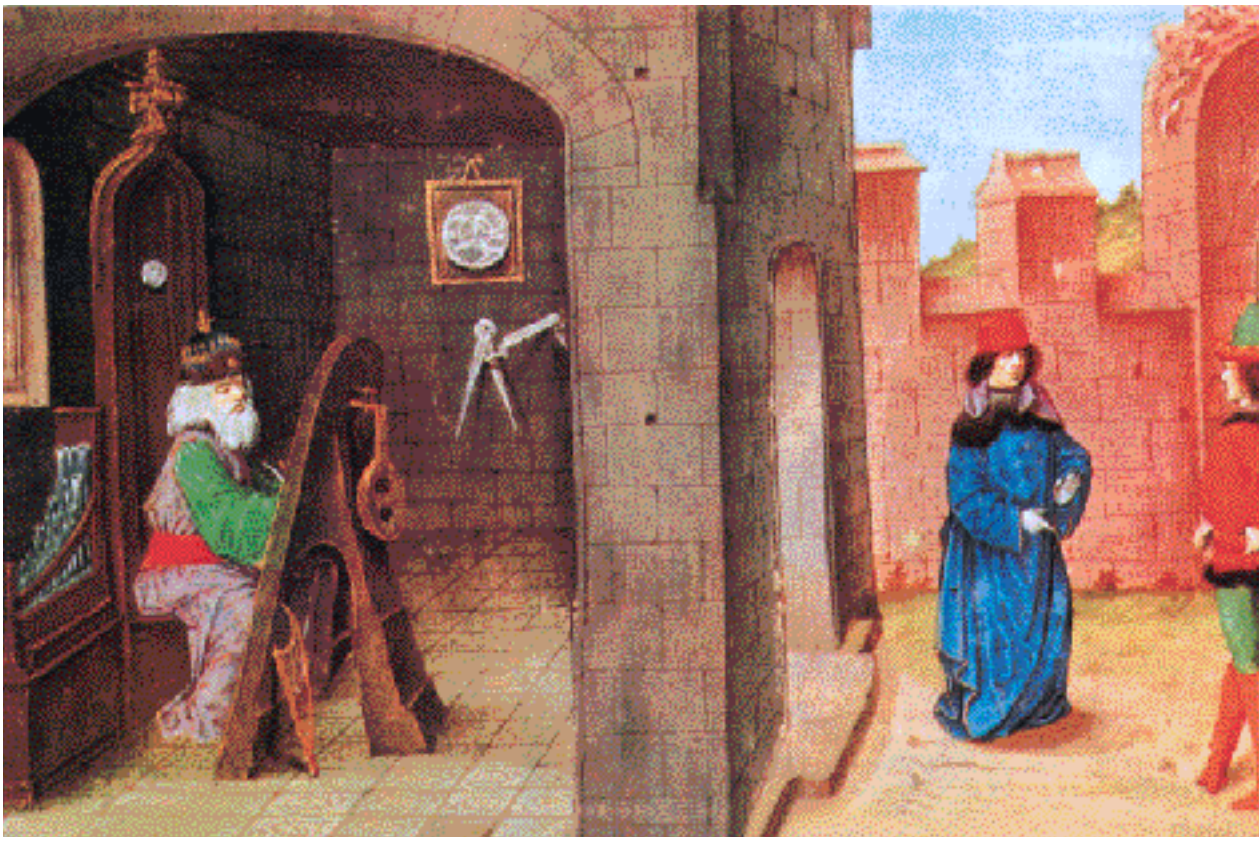
Como outros gnósticos, Mani desenvolveu sua doutrina sob a forma de um mito que ele escreveu e pintou em seu livro *Esboço dos dois princípios*, que hoje está desaparecido.

O mito de Mani conta simbolicamente a história do universo e do homem. Sua visão destas duas histórias é grandiosa, fantástica e muito pura, mas difícil de ser aceita por um materialista ou por um intelectual, a menos que estes sejam atraídos pelos segredos da vida e estejam buscando o que se oculta por detrás dela ou dentro dela.

Mani propõe sua doutrina represen-

UMA DOUTRINA QUE PARTE DA ÚNICA REALIDADE

A filosofia fala de dualismo e de monismo, ou da combinação dos dois. O dualismo parte da idéia de que há duas idéias opostas, por exemplo espírito e matéria, bem e mal, enquanto que o monismo vê o espírito e a matéria como dois estados do mesmo princípio. As combinações destes dois princípios são o dualmonismo e o monismo. O dualmonismo expressa a idéia de que, se uma doutrina espiritual se manifesta como dualista, o monismo nela está implícito. Por outro lado, quando uma doutrina parte de um princípio monista, ela é implicitamente dualista: portanto, é monodualista. Uma doutrina que excluísse um dos dois termos não poderia dizer que é espiritual. A doutrina gnóstica parte da Realidade em última instância, esta realidade adquirida pela superação do estado de consciência dividida, lançando uma ponte sobre a separação entre espírito e matéria. Os dois princípios estão unidos sem que a dualidade se perca nesta unidade, como nos confirma o testemunho de Mani, de Buda, de Sohravardi, de Jacob Boehme e de Jan van Rijckenborgh.



tando-a por imagens. A essência da *"doutrina dos dois princípios e dos três tempos"* de Mani é resumida pela seguinte fórmula, extraída do *Compendium chinês*, texto encontrado em 1911, no Turquestão oriental e que expõe à atenção do pesquisador da verdade as regras fundamentais para entrar na religião: *De início, é preciso distinguir os dois princípios. Quem pede para entrar para a religião deve saber que o princípio da Luz e o princípio das Trevas têm, cada um deles, naturezas separadas; se ele não discernir isto, como poderá aperfeiçoar-se? Em seguida, é preciso entender os três momentos que são: o momento anterior, o momento médio e o momento posterior."* [3]

Assim estão expostos, sem rodeios, os conceitos principais da concepção maniqueísta do mundo. É preciso, primeiro, fazer um esforço para pensar no universo antes do surgimento do espaço e do tempo. Antes que a criatura pudesse ser formada, existiam dois princípios separados que eram eternos e inconciliáveis: a Luz e as Trevas, o Espírito e a Matéria.

Na doutrina não-dualista do livro sagrado *Bhagavad-Gita, encontramos uma fórmula parecida: "Sabe que tanto Purusha (o Espírito Universal) como Pakriti (a Natureza) não têm origem e são eternos."*

O mistério das profundezas e das alturas

Mani relata suas experiências interiores da seguinte forma: *"Nos anos em que Ardashir reinava na Pérsia, fui crescendo e atingindo a maturidade. No próprio ano em que Ardashir [morreu], o Paracleto vivo desceu sobre mim, e me falou. Ele me revelou o mistério oculto, que estava escondido nos mundos e nas gerações: o mistério das Profundezas e das Alturas. Ele me revelou o*

Zoroastro em seu local de trabalho (miniatura flamenga do século XV).

"A ALMA NÃO EVOLUI: ELA É!"

A alma guarda sua essência própria, em todas as circunstâncias. No que diz respeito a essa essência ela é imutável, porém ela possui um poder muito forte, radiante. A alma, portanto, não vem a ser, ela é, pois existe antes mesmo que as forças entrem em atividade. Quando ela se move, por exemplo, então não ocorre aí algo como um desenvolvimento ou crescimento; não, ela "é". Ela "é", diz Hermes, antes de qualquer outra criação. Quando, em seu conjunto, vemos a alma, a personalidade e o corpo como o homem oculto, então a alma já é aí uma faculdade divina perfeita. A alma já vive internamente na perfeição. É por isso que dizemos: ela "é"!

dezas e das Alturas. Ele me revelou o mistério da Luz e das Trevas, o mistério do conflito e da grande guerra que as Trevas haviam provocado. Ele me revelou como a Luz venceu as Trevas juntando-se a elas e como este mundo foi estabelecido [...] Ele me esclareceu a respeito do mistério da formação de Adão, o primeiro homem. Ele me instruiu sobre o mistério da árvore do conhecimento, da qual Adão se alimentou e por meio da qual seus olhos puderam ver; o mistério dos Apóstolos que foram enviados ao mundo para estabelecer as Igrejas [...] Assim me foi revelado, pelo Paracleto, tudo o que foi e tudo o que será, e tudo o que o olho vê e tudo o que os ouvidos ouvem e o pensamento pensa. Por meio dele aprendi a conhecer todas as coisas; vi o Todo através dele, e tornei-me um só corpo e um só espirito." [4]

Graças a trabalhos recentes, a ciência e a mitologia já não nos parecem tão opostas uma à outra. Parece que as descobertas científicas corroboram certos mitos, apesar de sabermos que o tempo sem dúvida foi "podando" estas histórias de um passado imemorial.

Para Mani, o surgimento do cosmo e sua organização a partir do caos são a conseqüência da mistura dos dois princípios que, em sua origem, estavam separados: o Espírito e a matéria, a Luz e as Trevas. A ordem, a desordem e a organização são inseparáveis na visão maniqueísta: nosso universo físico seria ao mesmo tempo mecanicamente perfeito, determinado, justificado, racional; e também incoerente, demente, irracional, portador de destruição e de morte. Nosso destino depende da aceitação e da resolução desta contradição lógica: o homem deve escolher entre a vida e a morte. Entre a vida do Espírito e a morte da matéria, e a consciência que resulta desta decisão.

O inverso da teologia tradicional

Segundo Mani, o mundo é o produto de um acidente, de uma queda. A partir desta maneira de ver o mundo, ele se opõe às doutrinas religiosas e teológicas tradicionais, que vêem a criação como um produto perfeito do criador, e assim não explicam a origem do mal. As teorias evolucionistas também são, acima de tudo, monistas. Elas se voltam para a ciência (darwinismo ou neo-darwinismo), filosofia e política, mística e profecia. Aqui, a criação e seu desenvolvimento são a evolução do Uno, do nada rumo ao Espírito, que um dia irá transformar o Mal em Bem.

Na doutrina de Mani não pode haver transformação ou mudança, mas unicamente um retorno à situação original, quando os dois princípios estavam separados. Neste sentido, não se trata de um retorno à Uni-

dade, percebido como a fusão de dois princípios antagônicos, tal como aparecem na maioria das doutrinas religiosas e místicas. No momento em que cada entidade voltar à origem, estes princípios antagônicos serão neutralizados, pois já cumpriram sua tarefa.

A Igreja oficial e certos místicos cristãos condenavam a visão que Mani tinha do mundo e a achavam escandalosa. Agora que muitos textos perdidos foram descobertos e estudados com profundidade, podemos dizer que Mani estava muito adiante de seu tempo, que seu pensamento e sua vida eram profundamente gnósticos e que ele sempre se dedicou a mostrar que a aventura interior, espiritual, não é compatível com uma simples filosofia.

Uma doutrina que coloca a salvação do homem ou do mundo em um futuro próximo ou longínquo e não no presente é "messiânica": a salvação depende de um retorno do salvador. Ao contrário, a doutrina gnóstica coloca a salvação do homem e da humanidade no presente. O gnóstico sabe que ele deve libertar-se das influências do mundo antes de começar o caminho da transfiguração. "Para melhorar o mundo, comece por você mesmo", diz um velho ditado. Os adeptos do messianismo querem o contrário: primeiro, querem melhorar o mundo e esperam que haverá uma grande mudança a partir disto; para atingir esta finalidade, eles justificam todos os meios.

A história da humanidade mostra que estas duas tendências opostas sempre estiveram presentes em todas as épocas, particularmente nos períodos de grandes transformações cósmicas e intercósmicas, como acontece hoje com o início da Era de Aquário que varre todos os valores antigos. A humanidade inteira está sendo tocada por estas duas correntes. De um lado, o chamado diz: "Não deixem para depois! *Hora est!"* e,

O texto gnóstico da Pistis Sophia encontra-se no British Museum, em Londres (cat. MS. Add 5114)). Ele compreende 178 folhas de pergaminho que formam 356 páginas de 22 X 16 cm. O texto aparece entre duas colunas e somente faltam 8 páginas ao todo. Ele é composto de quatro partes, sendo que 34 páginas contêm o Evangelho da Pistis Sophia. Sem nenhum justificativa, o nome Pistis Sophia foi dado ao conjunto do códex a partir das notas de um expert em linguagem copta. A Pistis Sophia e as três outras partes são conhecidas como o Códex Askewiano pois foi adquirido em 1785 do legado de um médico londrino, o Dr. Askew. Sua assinatura se encontra na primeira página do manuscrito. Este é escrito em puro saédico, dialeto do Alto Egito. Dois copistas trabalharam nele. O conteúdo provém aparentemente da escola de Valentino (século II d.C.) e apoia-se em textos mais antigos.

6e JAARGANG No. 25
5 JANUARI 1940
LICHT
DOEL EN ZENDING: GOEDHEID - WAARHEID - GERECHTIGHEID
VAN HET ROZEKRUIS
REDACTIE EN ADMINISTRATIE: HEDASTRAAT 36, HAARLEM - GIRO NO. 105100

Podemos provar a "Queda" cientificamente?

Uma teoria recente do nascimento do universo toma como base os conceitos de matéria e de anti-matéria que se mantêm em equilíbro. Quando a matéria e a anti-matéria se encontram, elas se neutralizam. Supõe-se, então, que quando se deu a explosão original, uma parte da matéria desapareceu, o que destruiu o equilíbrio, e que a matéria que permaneceu seguiu então sua própria evolução, constituindo o universo visível. Assim, curiosamente, a ciência fala de uma espécie de queda, mesmo que não use o termo em sentido bíblico.

de outro: " Esperem!" Estes dois impulsos chegam até o ser humano e nele ressoam. A humanidade está sendo tocada, e todos devem escolher: ou deixar para mais tarde, ou começar já; tomar um atalho ou escolher o caminho que leva direto a sua meta.

A *Pistis Sophia* nos lembra que a Gnosis sempre se expressa por meio de duas correntes de força: uma que desce, e que é profética, chamada de *Pistis* (=fé ou inteligência) e outra que sobe, que é iniciática, chamada *Sophia* (=Sabedoria). Os maniqueus chamam de "correntes do Chamado e da Resposta"; e os gnóstico muçulmanos shiítas chamam de "ciclos da Profecia e do Imâmat".

O homem moderno opõe os conceitos gnósticos de *Pistis e Sophia* ao evolucionismo messiânico. Os fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, pelo contrário, alicerçaram sua doutrina sobre antigas revelações gnósticas porque nelas o ponto crucial é a atividade pessoal do ser. Esta franco-maçonaria pessoal é realmente fundamental para atingir a fonte original no interior do ser.

Um diálogo incessante dentro de cada ser humano

Agora que a humanidade se encontra diante de um desenvolvimento radicalmente novo, chegou a hora da separação definitiva entre as duas correntes, gnóstica e messiânica: exatamente como aconteceu no início da era de Peixes.

Estas duas correntes existem em cada um de nós, mas nunca são ouvidas, pois seus objetivos são opostos, o que faz com que cada um se coloque diante de uma escolha: seja para viver em conformidade com o plano original da vida, seja para desviar-se dele. Estas duas correntes traduzem duas concepções antinômicas do mundo, do homem, do tempo e, principalmente, entre o Espírito e a Matéria. Uma defende a evolução biológica, ou materialismo espiritual, porque situa o centro do desenvolvimento na personalidade humana. Outra, retoma a visão dualista de Mani.

O que as distingue poderia expressar-se por esta questão eterna: será que é preciso separar o Espírito da Matéria, ou unir o Espírito à Matéria?

Os acontecimentos mais recentes na área da ciência, com o surgimento da

A maioria dos dados sobre o maniqueísmo ocidental provém de seus adversários. Para lutar contra ele, estes adversários fizeram resumos detalhados de sua doutrina e de seus costumes. Um deles foi o pai da igreja de Roma, Agostinho, que foi membro de uma comunidade maniqueísta durante nove anos.

A Luz da Rosa-Cruz, semanário de difusão do esoterismo cristão e das culturas resultantes dele, publicação da Fraternidade da Rosa-Cruz holandesa, Ordem dos

física relativista e quântica, do conceito de complexidade, e da recente teoria do caos confirmam a visão paradoxal de nosso universo, submetido a dinâmicas contrárias tal como Mani encarava o mundo, e mostra que os conceitos de ordem, de desordem e de organização são inseparáveis. Os conceitos de "acaso" e "desordem" somente surgiram como o desenvolvimento de teorias sobre transferência de energia entre moléculas, átomos e partículas; em seguida, com o princípio de Heisenberg, que enuncia a impossibilidade de determinar ao mesmo tempo a velocidade e a posição de uma partícula, e, finalmente, com a teoria do Big Bang.

À primeira vista, estas duas visões do mundo não estão tão afastadas uma da outra. Suas próprias descobertas obrigam a ciência moderna a refletir sobre as semelhanças, concorrências e antagonismos a respeito dos conceitos de ordem e desordem, ou caos. Para Mani, a saída era evidente, pois ele bebia de uma outra fonte.

Mas semelhança não significa identidade. Ciência e espiritualidade (que não devem ser confundidas com misticismo) aparecem como duas leituras convergentes do universo, mas sua essência e seus métodos continuam irremediavelmente estranhos e irredutíveis como o mostram de maneira exemplar as conversas muito "maniqueístas" de Krishnamurti e do físico D. Bohm, relacionados no livro *Le temps aboli.*

Mani ensina que há duas ordens de natureza: o Paraíso da Luz, que se estende ao Norte, a Leste e a Oeste; e o Reino das Trevas, ao Sul. O Paraíso da Luz é conduzido pelo Pai do Universo. Em uma ilustração, ele está situado no centro de Doze Seres de Luz. Em uma outra, ele está rodeado por cinco elementos (o éter, o ar, a luz, a água e o fogo) que estão relacionados com a razão, o espírito, a inteligência, o pensamento e a compreensão. O Reino das Trevas compreende cinco regiões que também correspondem a estes cinco elementos e aspectos humanos. A tarefa do homem é auxiliar os deuses a fazer a separação entre a Luz e as Trevas – a separação ente o Bem e o Mal. Para sustentar o homem nesta tarefa, este recebe o "Nous" (espírito superior), que lhe comunica o conhecimento de sua Pátria original. O " Nous" lhe faz ver que ele está submetido às forças das trevas. Se ele despertar do sono do esquecimento, terá o poder de auxiliar todas as almas – todos os raios de Luz – a se libertarem da matéria.

"Vejo as portas divinas em meu espírito"

O seguinte extrato do livro *Aurora Nascente*, de Jacob Boehme também explica isto: *Certamente, caro leitor, compreendo bem o pensamento dos astrólogos [astrônomos]. Aliás, já li algumas linhas de seus escritos e sei muito bem como eles descrevem as órbitas do sol e das estrelas; não tenho nenhum desprezo por suas teorias, e penso que para maioria elas são boas e justificadas. Se, de minha parte, escrevo de forma diferente sobre inúmeras coisas, isto não se deve a uma vontade deliberada nem a uma atitude de dúvida em relação ao que eles afirmam [...] pois, de minha parte, não adquiri minha "ciência" por meio de estudo [...], mas como vejo as portas divinas em meu espírito e sinto também o impulso necessário para isto, escreverei o que é justo aos meus olhos e não reconhecerei sobre isto a autoridade de nenhum homem.*[6]

A doutrina de Mani, assim como a de Jacob Boehme, que pode ser comparada à dele, era em verdade uma revelação. Ora, o que é revelado não pode ser encontrado pelo pensamento racional, por mais racional que seja, porque a revelação deve ser compreendida aqui como uma visão súbita e interior, inacessível à razão humana. Em termos modernos, falamos aqui de "visão penetrante" como as visões que alguns eruditos do passado tiveram, de modo parcial, ou muitos dos gigantes espirituais, que as tiveram em sua totalidade.

Tanto ontem como hoje, esta revelação é recebida no momento em que a alma liberta religa-se ao Espírito divino. Em um momento como este, há uma "iluminação interior". Os maniqueus e os gnósticos cristão chamavam esta efusão do Espírito na alma de "Cristo" ou de "Paracleto". Enquanto esta experiência interior não for vivida, o cientista ou o pesquisador espiritual terá dificuldades em aprofundar-se no verdadeiro conteúdo dos textos de Mani e de Jacob Boehme.

É claro que, nesta busca do verdadeiro sentido da mensagem de Mani, o pensamento especulativo ou a interpretação simbólica não são suficientes. *"Deus nos revelou isto por meio de seu Espírito; pois o Espírito tudo sonda, até mesmo as profundezas divinas"* (Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, 2:10)

E Mani escreve: *"O homem somente deve acreditar naquilo que vê com seus próprios olhos".*

[1] Khephalaia 142, citada por H. C. Puech, *O Maniqueísmo*, no livro *História das Religiões*, tomo 2, edições La Pléiade, p. 556
[2] Jacob Boehme, *Da assinatura das coisas*, tradução francesa P. Deghaye, Grasset, p. 37.
[3] Nahal Tajadod, *Mani, o Buda de Luz*, edições Cerf, p. 63.
[4] Kephalaia 1.
[5] Jan van Rijckenborgh, *Arquignosis Egípcia*, tomo 4, capítulo XXVIII.
[6] Jacob Boehme, *A Aurora Nascente*, citado por G. Wehr em *Jacob Boehme*, edições Albin Michel, p. 54, edição brasileira pela Editora Paulus, 1998.

A SENDA DO MANIQUEÍSMO

Com a morte de Mani começa um dos períodos mais obscuros da história da Pérsia, que vive a instituição do zoroastrismo como religião de estado, a fusão entre o poder religioso e o temporal e a instituição de uma ordem totalitária, baseada na intolerância e na violência. É o final de um mundo em que a convivência entre as crenças era possível, sendo que, desde a sua origem, a religião de Zoroastro sempre havia tolerado em seu país tanto os cultos assírio-babilônicos como os caldeus, judeus, egípcios, hindus, e também a religião grega.

Esta época trágica mostra o que separa radicalmente um sistema fechado, rígido e sectário de uma doutrina que engloba todas as crenças, que é tolerante e totalmente não-violenta, como a doutrina de Mani. Sua religião de Luz oferecia a seus adeptos tanto mais liberdade e espaço interior quanto mais ela se afastava radicalmente de toda e qualquer luta pelo poder religioso, político e econômico. Esta é uma luta sempre atual quando um grupo atinge os limites de suas possibilidades espirituais. A este respeito, a história humana deve ser encarada não como uma linha, mas como um ciclo. Um povo surge, brilha e desaparece. O homem nasce, vive e morre. Um sistema elaborado surge, se desenvolve, e depois é destruído, como vimos claramente há dez anos com a demolição do muro de Berlim, que era o símbolo de uma certa ideologia.

Esta luta acontece dentro de cada um de nós. Em nossa época, enquanto a humanidade inteira se encontra diante da necessidade de seu desenvolvimento espiritual, a luta vai-se agravando em todas as frentes. Os cristãos esperam o retorno de Cristo; os judeus, a chegada do Messias; os budistas, a de Maitreya, e os hindus, a de Krishna: a esperança de um salvador, alimentada e cultivada por todas as tradições religiosas do mundo. Os muçulmanos sunitas esperam por Jesus ou Mahdi; os shiítas, por Qa'im al qiyamat, o Imam da Ressurreição. Cada religião ou corrente religiosa tem uma imagem ideal à qual seus adeptos esperam identificar-se um dia.

Existe uma alternativa?

Agora que a humanidade inteira se encontra aprisionada na luta entre a Luz e as Trevas, uma pergunta se impõe: como escapar a um novo tipo de totalitarismo religioso e místico? Existe uma alternativa? Sim, se escolhermos por base o que foi colocado em cada coração humano pelo Criador: a Gnosis viva, que esclarece e ilumina não somente o mental mas que também conduz o homem ao caminho de sua transfiguração em um ser que renunciou a toda e qualquer luta pelo poder.

É preciso estudar este assunto mais profundamente, como Mani e seus discípulos o fizeram, pois uma compreensão exata e uma orientação correta na diretriz que ela implica pode romper o trágico círculo vicioso que segue a história da humanidade, e pode prevenir, assim, uma infinidade de sofrimentos.

Ilustração tirada de Parsivalnama, texto maniqueu do século XIII.

"Que a religião da Luz circule!"

O "sacrifício de Mani", o imenso "acontecimento no céu", segundo a terminologia dos gnósticos shiítas, não deveria ser em vão. No decorrer do quarto século, o maniqueísmo deveria conhecer sua mais forte expansão, espalhando-se pelo Egito, pela Tunísia, pela Argélia e até a Hungria. Em direção ao Oriente, na península arábica, no Turquestão oriental e até às fronteiras da China e ao longo da fabulosa "rota da seda", que ainda existe, e que era uma poderosa via de circulação de pensamentos e de idéias. Mani dizia: *"Que a religião da Luz circule como uma mercadoria de paz e de tranqüilidade!"*. À imagem de seu mestre, os missionários maniqueus desejavam ardentemente espalhar a "religião da Luz" absolutamente sem luta. Suas palavras e seus atos tocavam as populações e por toda a parte as autoridades eram favoráveis a eles: assim eles foram estabelecendo suas comunidades.

Foi assim que, no século VIII os maniqueus chegaram ao país dos uiguros, um povo turco que dominou a Mongólia de 744 a 840. Os uiguros converteram-se à "religião da Luz" e o maniqueísmo tornou-se durante oitenta anos a religião de Estado deste povo.

O maniqueísmo (assim como outros movimentos gnósticos como o dos bogomilos e dos cátaros) teve uma influência marcante sobre a cultura da época, dando forma a uma autêntica "civilização gnóstica" que levou ao mais alto grau os valores sociais, morais e espirituais que se encontram tanto no budismo como no cristianismo ou no zoroastrismo originais.

Mas, por volta de 840, cem mil guerreiros quirguizes se abateram sobre a capital do estado dos uiguros. Os maniqueus fugiram para o Sul e tomaram a rota da seda, principalmente a cidade de Turfan. No início de nosso século, diversas missões científicas russas e alemãs encontraram principalmente vestígios arqueológicos de um mosteiro maniqueu, assim como esplêndidos afrescos e manuscritos. Sob o impulso das comunidades maniquéias reagrupadas em torno de mosteiros e templos, reconstituiu-se uma civilização nobre e refinada que, depois das invasões árabes, integrou-se à cultura do Islã e da qual ainda hoje encontramos vestígios na arquitetura, na escrita, na pintura, na música, na medicina e nos contos.

Também devemos aos missionários maniqueus a lenda de Buda como ficou conhecida no Ocidente a partir do século XIII, sob o nome de *Conto de Josaphat e Barlaam*, e provavelmente o mito do Graal. Se lembrarmos que o nome de Mani significa "vaso" ou "pedra", estes dois sentidos nos ligam diretamente ao símbolo do Graal.

Parsifal, o "Persa louco", o "Louco Perfeito"

A lenda do Graal, por intermédio de *Parsiwalnameh*, de origem persa, che-

gou à Europa no início o século XIII sob o nome de *Parsifal* de Wolfram von Eschenbach. Já G. de Sède, falando sobre Mani em seu livro *O segredo dos Cátaros,* diz que "seus adversários ligavam [...] seu nome à palavra grega "mania", que significa "loucura" e fazem dele um "*Parsi fol"* (em francês = um "parsi" louco).

Este jogo de palavras não é inocente e lembra que os adeptos de Zoroastro, o fundador da religião da Pérsia antiga, chamavam-se uns aos outros de "*parsis*", ou seja, "os puros", como os cátaros", e deram seu nome à *Pérsia*.

Na narrativa do Graal, Perceval ou Perlesvaux, Parzival ou Parsifal, é chamado de *"Louco Perfeito"* por causa da pureza de suas intenções e de seu desejo, que ele impulsiona ao longo de toda a sua vida, de buscar o Absoluto representado pelo Graal.

Os trabalhos do professor austríaco F. von Sutschek estabeleceram a possibilidade de uma origem indo-iraniana do mito do Graal cujos vestígios estão, segundo ele, evidentes em *Parsifal*. A lenda foi transmitida a W. von Eschenbach por um trovador provençal que se chamava *Kyot*, e pensava-se que ele mesmo teria descoberto essa lenda em Toledo, em um manuscrito árabe desco-

ANULAR SISTEMATICAMENTE A NOVA DOUTRINA

Há algumas dezenas de anos, foi descoberto na Hungria um manuscrito que expunha as regras da fundação da " fé cristã". Este manuscrito mostrava ponto por ponto como deveria ser estabelecida a igreja " cristã": primeiro, anulando sistematicamente tudo o que era maniqueísta; segundo, propagando a doutrina; e terceiro, suprimindo todo adversário da nova doutrina. É patente que o maniqueísmo na Hungria e o cristianismo original têm as mesmas raízes. Isto, por causa de sua descendência comum (os citas e os hunos) e pelo fato de que, sob o reino dos partas, as tradições das comunidades maniqueístas do monte Ural correspondiam às dos hunos, e que a arte pictórica desta época utilizava símbolos gnósticos. A própria coroa da Hungria é constituída por símbolos maniqueus.

Fontes:
L' Inquisition au temps des Arpades, Feher M. Jenö, edições Transilvânia, Buenos Aires, 1956.
La cosmologie orientale et les influences mythologiques qu' évoque la couronne de Hongrie, Badiny Jòs Ferenc, Buenos Aires, 1986.
L' Enseignement de Mani, Szokoli, Katalin – Takàes, György, Vonzàskör, Miskolc, 1987.

nhecido, cujo autor era um "pagão" experimentado em ciências naturais, chamado *Flégétanis*. Além disso, existe uma narrativa persa de origem maniquéia que foi descoberta em 1931 e que foi intitulada *Parsiwalnameh*, cujo tema central é *O canto da pérola* e algumas outras lendas que serviram de base à lenda de Parsifal. As semelhanças entre estas narrativas e as versões ocidentais de Parsifal são surpreendentes.

A influência da doutrina de Mani no Ocidente

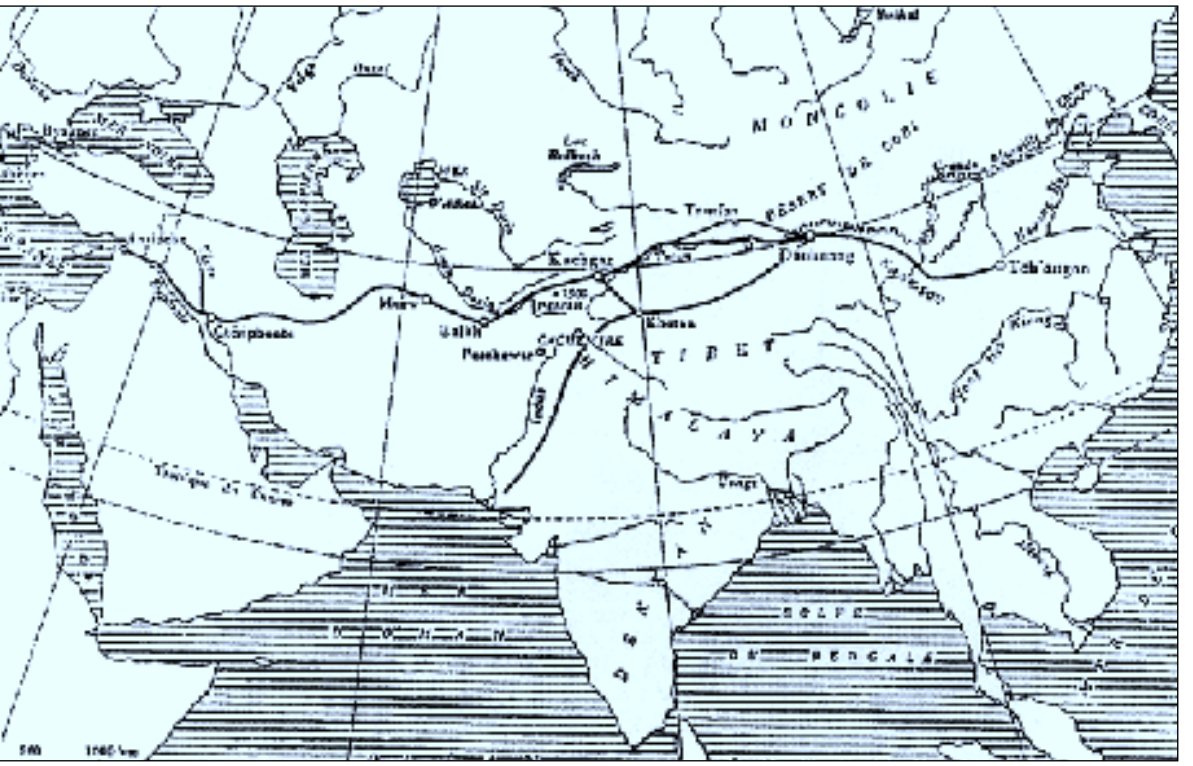
O nome dos personagens em *Parsiwalnameh* e no *Parsifal* de W. von Eschenbach assemelham-se estranhamente: Gajmurat / Gaschmuret; Trefezand / Trevizent; Na Fartus / Amfortas; Clinschor / Klingsor; Arta Churus / Artus. Este manuscrito, que infelizmente não pôde ser encontrado, confirmaria a influência que o Irã pré-histórico e islâmico exerceu sobre o cristianismo ocidental por meio de seus textos simbólicos que veiculavam o ideal da "Cavalaria Espiritual", por meio do zoroastrismo, do maniqueísmo, do ismaelismo, ou de movimentos sufistas da Espanha andaluz. Certas tradições situavam o castelo do Graal na Pérsia, atual Irã, na fortaleza de Alamut, sede da Fraternidade ismaelita, que sucumbiu doze anos depois de Montségur, nas mesmas condições. O islamólogo H. Corbin lembra que a "Cavalaria espiritual" constitui, com o ciclo da Profecia e do Imamat, os equivalentes ao "Chamado e Resposta" de Mani. Ou de "Pistis Sophia" de Valentino, uma terceira corrente que permite transformar a revelação do Alcorão em uma realidade vivenciada.

Amuletos nestorianos em ouro.

Setecentos anos mais tarde, é no coração da antiga Pérsia doravante islamizada que o sacrifício de Mani ressurgiu por meio de figuras como Al-Hallâdj (cerca de 858 - 922), que foi morto, como Mani, por ter dito *"Eu sou a Verdade"*; de Suhravardi (1155-1191), o fundador da *"Filosofia da Luz"*, por ter clamado abertamente que *"Deus pode fazer surgir profetas depois de Maomé"*; ou ainda Ibn Arabi (1165-1240), cujo nome significa "o maior dos mestres", "o discípulo de Jesus", que afirmou, depois de ter tido uma visão, que *"Soube então que minha palavra atingiria os dois horizontes: o do Ocidente e o do Oriente" e que escreveu: "Oh, maravilha, um jardim entre as chamas [...] meu coração tornou-se capaz de todas as formas; uma pradaria para as gazelas, um convento para os monges, um templo para os ídolos, uma Ka'aba para o peregrino, as Tábuas do Tora, o Livro do Alcorão. Eu professo a religião do Amor, e qualquer direção que tome sua montaria, o Amor é minha religião e minha fé".*

A obra imensa escrita e pintada de Mani, os templos maniqueus, a civilização maniquéia, de tudo não resta quase nada: o maniqueísmo detém o título pouco invejado de "a religião mais perseguida de toda a história". Serge Hutin escreve: *"Com raros intervalos de tolerância ou de favor, os maniqueus foram vítimas de uma repressão feroz, de massacres metódicos a ferro e a fogo."*

Até o século XIX, o conhecimento e o estudo do maniqueísmo somente se baseou em testemunhos indiretos, geralmente devidos a adversários como Agostinho, cuja obra deveria lançar as bases ideológicas da Inquisição, a qual, a partir



de 1231, perseguiu sistematicamente "o abominável sacrilégio da heresia".

Na Hungria, por exemplo, é evidente que os cristãos conseguiram apagar desta forma todos os vestígios do maniqueísmo pacífico e não-violento. Isto pode ser observado pelo fato de que não foi encontrado nenhum testemunho provando que o maniqueísmo desempenhou um papel preponderante nesta região.

Apesar de não terem um laço visível com os bogomilos e com os cátaros, podemos considerar que estes foram seus sucessores. Bastava pronunciar a palavra "maniqueu" para arriscar a própria vida. *"Ser confundido com a seita maldita, esta era a pior sorte que poderia ameaçar um grupo cismático ou herético"*, escreveu Decret. Foi preciso esperar a descoberta de um sítio arqueológico que revelou uma comunidade maniquéia no Turquestão chinês e manuscritos originais no Egito (em 1930), especialmente os *Salmos, as Kephalaia, as Homílias, as Cartas de Mani* (que hoje se encontram destruídas) para que fosse conhecida e reconhecida a importância do maniqueísmo como religião universal e para que a herança gnóstica do passado suscitasse algum interesse.

Ressurgimento do pensamento gnóstico

As traduções dos textos gnósticos descobertos em Nag-Hammadi (em 1945), no Egito, e de alguns textos essênios de Qumram (em 1947), inauguraram um movimento mundial do ressurgimento do pensamento gnóstico que não permite mais que se ignore a existência e a doutrina de Mani. Hoje, é um fato conhecido de todos que as traduções destes manuscritos demoraram muito tempo para surgir, e que foram levadas a cabo sem muito entusiasmo. O que, porém, nem todos sabem é que Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri não hesitaram em fundamentar

A Rota da Seda ligava o Ocidente ao Oriente até o mar da China.

HINO

Eles o fizeram subir na cruz
para levá-lo à morte,
e fizeram dele um rei.
Eles o coroaram,
porque ele havia rebaixado
suas realezas.
Eles o vestiram com um manto
porque ele havia roubado
seus poderes.
Eles o revestiram de púrpura,
porque ele havia rompido
suas paixões.
Eles o colocaram um cravo
nas mãos,
porque ele havia registrado
seus pecados.
Eles lhe deram vinagre
para beber
misturado com mirra
porque estavam sofrendo.
Eles o traspassaram com
uma lança,
porque ele havia destruído
suas imagens.

(Texto extraído dos Hinos de Mani)

sua doutrina gnóstica sobre o pensamento de Mani desde antes da Segunda Guerra Mundial, principalmente no semanário da época *A Luz da Rosa-Cruz, publicação da Fraternidade da Rosa-Cruz, Ordem dos Maniqueus.* Foi assim que foi-se preparando um renascimento mundial do gnosticismo. Atualmente, o conceito de "Gnosis" não é mais misterioso ou insólito. A propagação da doutrina de Mani e a renovação das idéias que decorrem deste fato levaram um grande número de pessoas à prática da não-violência em um mundo de lutas incessantes. A imagem marcante e atraente da alma que está prisioneira da matéria sempre está falando de perto aos buscadores. Este é o drama do homem que luta para se libertar da escuridão, a fim de encontrar a saída para o mundo da Luz, ou, como expressa um hino maniqueu: *Um vento do Norte que sopra sobre nós: este é Mani. Levantemos a âncora com ele e façamos a viagem rumo ao país da Luz."*

DA ILUMINAÇÃO À PROFECIA

Desde sua juventude, Mani foi refratário à lei que seus correligionários lhe impuseram. "No meio destes homens, caminhei com sabedoria e malícia." Depois, ele critica abertamente certas práticas alimentares seguidas por eles e destaca como única pureza "a pureza da Gnosis".

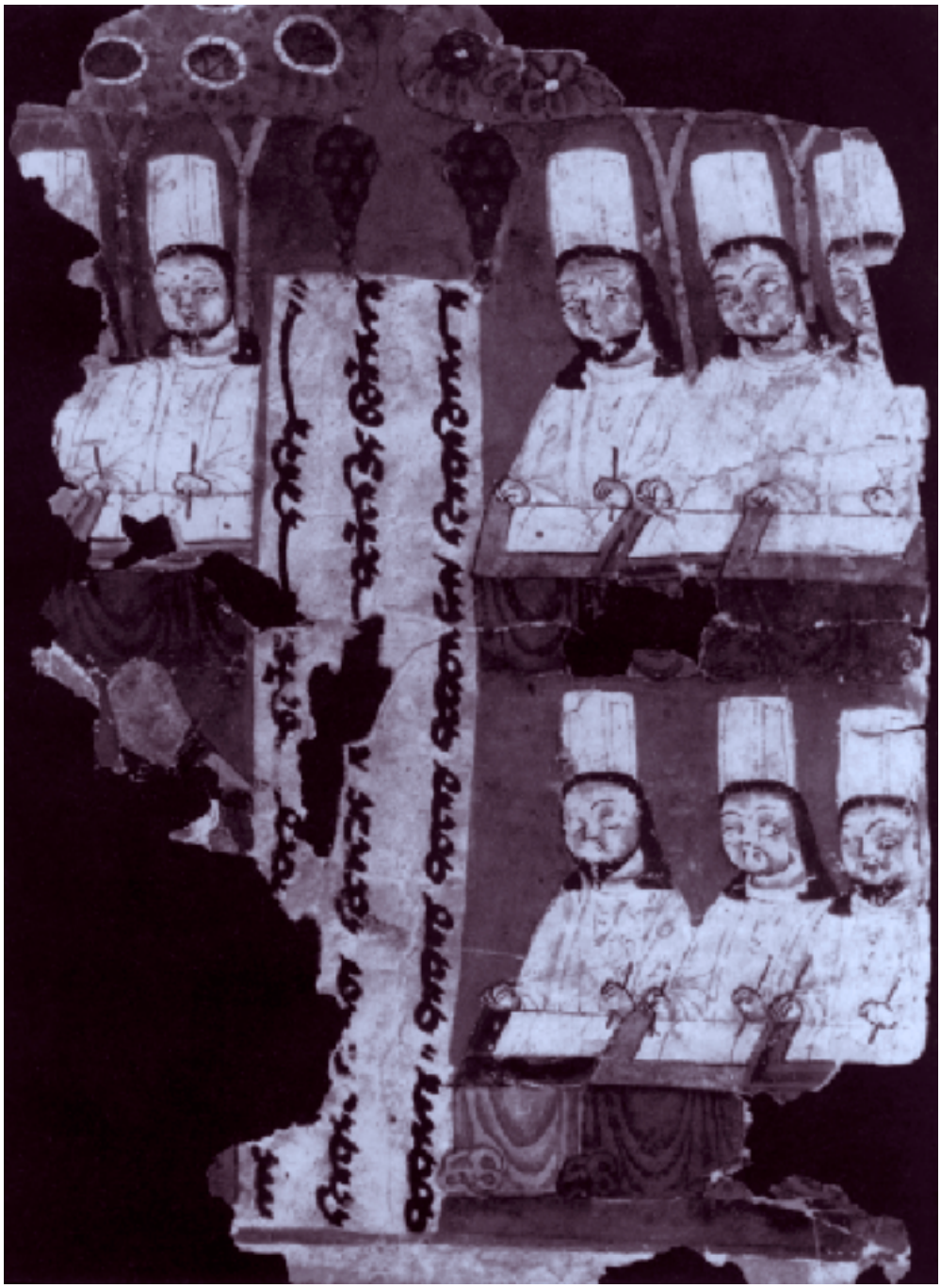
Trazido diante do conselho da ordem, ele foi acusado de dissidência e depois excluído da comunidade. Acompanhado de seu pai e de dois discípulos, ele voltou para o local onde nasceu, e depois foi para a Índia, seguindo o rastro do apóstolo Tomás. Depois da morte de Ardashir (242 A C.), ele voltou para a Pérsia. Segundo algumas fontes, ele já tinha elaborado o projeto do primeiro templo maniqueu. De Shapur, sucessor de Ardashir, ele recebe a autorização para ensinar sua mensagem no império persa.

Apesar de sua enfermidade (ele era manco), percorreu o império a pé em todos sentidos. Em *Kephalaia 76*, ele declara *"Ter percorrido o mundo literalmente correndo sobre a ponta dos pés"*, pregando a boa nova por toda a parte, o Evangelho vivente, implantando comunidades e edificando templos. Além disso, ele envia seus discípulos ao estrangeiro, intimando-os a *"vagar perpetuamente pelo mundo, pregando a doutrina e guiando os homens na Verdade"*. De acordo com Mani, a nova religião da Luz não deve conhecer nenhum limite em sua difusão. *"Minha esperança chegou até o Ocidente do mundo e em todos os lugares da terra habitada, e também na direção do Norte e do Sul. Nenhum dos apóstolos que me precederam jamais fizeram algo assim!* (Keph. I) Sua mensagem foi ensinada em todas as línguas, proclamada em todas as cidades e se espalhou mais longe do que qualquer outra religião*." Minha igreja se propagará em todas as cidades, meu Evangelho atingirá todos os países"* (Keph. 154). Ele funde em uma só tradição espiritual o Oriente e o Ocidente, a gnosis de Buda, o dualismo de Zoroastro e o monoteísmo do cristianismo. Sua intenção é que esta religião universal possa transformar o mundo pela não-violência e pela ausência de luta. A fim de assegurar a conservação e a transmissão de sua doutrina, ele toma cuidado de registrar pessoalmente seu conteúdo por escrito, ilustrando-o com caligrafias e pinturas. *"Jamais foram escritos ou revelados livros comparáveis aos que escrevi"*, diz ele

"Minha esperança espalhou-se por toda a terra habitada"

A progressão da nova religião é fulgurante e aceita em inúmeros ambientes, em razão de seu realismo. Em 270, sete anos antes da morte de Mani, a "Santa Igreja", como Mani a chamava, foi implantada em toda a Pérsia. No exterior, a rede das missões se estendeu, como ele mesmo dizia, *"de Leste a Oeste"*.

Mas a expansão considerável do maniqueísmo e o fato de que Mani parece para muitos como o verdadeiro sucessor de Zoroastro suscita a hostilidade e a inveja dos sacerdotes que haviam levado os reis sassânidas ao poder. Nesta época, Mani fazia parte do séquito do rei Shapur e o acompanhava em suas expedições como conselheiro e médico. Depois da morte de Shapur (em 271),



começa um período de perseguição impiedosa. Por instigação do sacerdote Kirdir, Mani é preso e deve comparecer diante do novo chefe do império sob a acusação de “crimes contra Deus”. Condenado à morte, ele foi lançado na prisão em uma quarta-feira, preso a correntes que pesavam 25 quilos, que o impediam de movimentar-se.

“Liberai meu espírito de sua prisão!”

Os últimos momentos de sua existência foram consagrados a sua Igreja: ele transmite o archote do Espírito a seus companheiros mais próximos. Dentre eles, Sissínio, que o sucederá como guia da comunidade maniquéia. Esta

designação pessoal de um sucessor desencadeia a permanência de uma autêntica hierarquia espiritual durante 1000 anos. Aos discípulos que testemunharam o seu fim, ele dá a missão de continuar *"a guerra santa dos filhos da Luz contra os filhos das Trevas",* que acabará somente quando a última alma tiver sido salva do *"abismo do mundo".*

O martírio do profeta, que durou 26 dias, encerra-se com esta prece sublime, que é o último grito de uma Alma vivente que volta à quietude da Verdade:

Ó Pai, vê, o ferro está sobre mim.
Ó, Tu que és o maior pela Justiça,
ouve minha voz,
escuta a voz do oprimido.
Que minha prece que implora
faça cair todos os véus.
Ó Cristo, ó Anjos gloriosos e luminosos,
eu invoco vossos nomes:
liberai meu espírito de sua prisão,
arrancai de mim este manto de dor
e conduzi-me para fora deste mundo.
Ó pai, ó homem original,
abre as portas ao meu lamento,
que ele chegue às alturas.
Virgem de Luz,
e vós, Anjos,
escutai minha súplica,
livrai o acorrentado de seus ferros.

Segundo uma *Homília*, este apelo foi assim respondido:

O Rei do Amor
que o havia enviado
ouviu sua voz
e falou com ele.
O Homem perfeito
avançou sobre ele.
A Virgem de Luz surgiu.
E os mensageiros da Luz
aproximaram-se em uma roda
para conduzir sua grande Alma
para as Alturas.
A Palavra protege a cabeça do justo.
Ela o conduz
para as esferas da Luz.
O enviado da Luz
está de volta para casa.
Assim se eleva a pérola de Luz.

(Homílias, p. 5, 17 e seguintes. Polotsky-Ibscher).

"E descobri como os sábios haviam feito isto e comecei a falar a meu pai e aos anciãos da família sobre as coisas que Narjamig havia me ensinado. E, quando eles ouviram estas palavras, eles se converteram."

(Turfan M 49-11)

Página de rosto de um livro maniqueu em soguidiano tardio. No verso, sete eleitos (Chotscho, século VIII-IX d. C.)

"Vim para fazer ressoar um grito em todo o mundo"

"Eu, Mani, apóstolo de Jesus Cristo de acordo com a vontade de Deus, do Pai da Verdade de onde provenho, que vive e é por toda a eternidade, que era antes de todas as coisas e será depois de todas as coisas. Tudo o que foi e tudo o que será existe por sua Força. D' Ele provenho e d' Ele serei. E assim fui emanado de sua verdade. Esta verdade eu a anunciei a meus irmãos. A paz, eu a anunciei aos filhos da paz. Preguei a esperança à raça imortal. Fiz uma escolha e indiquei o caminho do alto aos que desejavam aprofundar-se nesta verdade".

(Extraído da introdução do Evangelho Vivente de Mani)

Foi entre 215 e 276 d. C., quando a Pérsia e Roma estavam envoltas em muitas guerras, que Mani apareceu publicamente. Desde sua juventude ele estava preparando sua vocação interior de libertar a humanidade. Com esta finalidade, ele se serviu dos textos sagrados de seus predecessores de culturas diferentes, mas também de suas próprias experiências no decorrer das quais a Plenitude que penetra tudo alimentou seu conhecimento interior.

Baseando-se neste alimento espiritual, ele fez a síntese da única mensagem anunciada em todas as religiões autênticas: o Evangelho macrocósmico e microcósmico universal da libertação, tal como ele se revela no mistério de Jesus.

Desta maneira, ele pôde unificar os aspectos libertadores do passado, e novamente a mensagem de Jesus Cristo pôde ressoar como a luz interior da alma e a força viva do Espírito divino.

A mensagem da Igreja cósmica da Luz

Em meio a um mundo invejoso e ciumento, que se esforçava para sobreviver com seus dogmas e poderes ocultos, Mani espalhou a mensagem libertadora de uma Igreja de Luz cósmica e universal, que está "mais perto do que pés e mãos". A semente da Luz a que nos referimos aqui está oculta no coração de cada pessoa. Ela dá a compreensão da força para se libertar da ignorância paralisante e dos desejos animais que impedem que a alma possa se desenvolver.

O tempo estava maduro para isto e a intervenção de Mani encontrou eco em inúmeros corações. A reação destes corações foi tão poderosa que a nova religião se expandiu com toda a velocidade sobre as vastas regiões do mundo daquela época. *O Livro dos Salmos de Mani*, que foi conservado, dá testemunho desta dinâmica irradiante, do entusiasmo inspirado dos maniqueus. Eis um destes textos:

"Nós, que somos da raça dos filhos da Luz, oferecemos nossa flor a Mani! Jesus Cristo coloca a coroa sobre tua cabeça com alegria, Mani, filho bem-amado. Pois seu edifício que foi profanado, tu o reconstruíste; seu caminho que continuava oculto, tu o iluminaste; sua doutrina que estava obscurecida, tu

a clarificaste; sua sabedoria que estava mascarada, tu a elucidaste.

Citemos ainda um outro texto deste livro:

"Quero glorificar-te,
pedra angular, inalterável,
eternamente a mesma.
Alicerce inabalável,
Cordeiro atado à cruz da natureza,
tesouro oculto na terra,
Jesus, filho do orvalho da manhã,
seiva de todas as árvores,
doçura de todos os frutos,
olhar do céu,
guardião de todos os tesouros,
herói que carrega o universo,
alegria de todas as criaturas,
paz dos mundos.
É uma maravilha falar de ti.
Estás no interior, estás no exterior.
Estás lá em cima, estás aqui embaixo.
Estás perto e estás longe.
Estás oculto e manifesto.
Cala-te, e, no entanto, falas.
Tu és a glória por inteiro."

Na Igreja maniquéia trata-se do sétuplo processo do despertar da Alma-Espírito libertando-se do mundo das ilusões. Isto somente poderá acontecer quando deslocarmos a importância de nossas vidas para o coração espiritual: o coração do microcosmo que é uno com o coração do macrocosmo divino. Diante das Trevas, Mani opõe o Reino universal divino da Luz que é onipresente e tudo penetra. Para ele, o Reino da Luz é a origem e o fim de todas as almas.

Muitos textos maniqueus afirmam que a Luz e as Trevas são inconciliáveis na alma. O mesmo acontece com a consciência da alma vivente e a inconsciência do homem da natureza. Esta é a razão porque Mani fala do Espírito da Verdade, que vem para libertar o homem da ilusão deste mundo. Ele estende um espelho a seus contemporâneos, para que eles possam ver o universo e para mostrar, desta forma, que há duas ordens de natureza: a natureza da Luz e a natureza das Trevas. A ordem da Luz penetra a ordem das Trevas, mas as Trevas continuam separadas da Luz.

Esta idéia central das duas naturezas é fundamental na doutrina de Mani, assim como em todos os movimentos que se desenvolveram a partir desta Gnosis. Ora, o homem que tem seu eixo ajustado para a linha horizontal sempre se oporá e sempre perseguirá os fiéis do gnosticismo maniqueísta. O fato de tantos perseguidores organizados durante séculos terem agido nas regiões que se estendem da Europa Ocidental até a China demonstra o profundo enraizamento da doutrina da libertação e o quanto os homens de boa vontade estavam ligados a ela com seus corações e suas almas.

Uma falsa imagem da ordem da Luz

Havia realmente um dualismo na visão maniqueísta conforme condenado pela Igreja de Roma? O conceito de "dualismo" se refere a duas forças, dois princípios equivalentes, porém opostos. Entretanto a ordem da Luz e a ordem das Trevas sobre as quais Mani fala não são equivalentes! A ordem das Trevas é a imagem refletida e deformada da ordem da Luz. A ordem da Luz é unidade: nela não reina nenhuma dualidade. Na ordem das Trevas, que é a imagem deformada da ordem da Luz, tudo tem seu contrário e todos estes contrários, por sua alternância, vão se suprimindo uns aos outros: aí reina a dualidade.

No centro do microcosmo se manifesta o próprio alicerce do universo. Este princípio superior é o elo que liga o macrocosmo e o microcosmo. É por isso que Jesus diz: *"O Pai e eu somos um"*. Mani qualificava o estado em que Jesus Cristo se encontrava de *"a rosa sublime do Pai"*. Este princípio supremo da consciência divina é a base de todas as criações novas e verdadeiras. Enquanto esta criação continuar em união cons-

ciente com sua origem divina, ela irá brilhar por causa desta consciência. Mas, se ela romper por iniciativa própria o laço que a une com a Luz, ela cairá na escuridão crescente das trevas. A angústia, a doença, o sofrimento e a morte caracterizarão sua existência. Em um microcosmo ou em um cosmo como este, a Luz se apagará. Sua animação é ilusória e os pólos opostos da dualidade irão determinar seu curso a partir de então.

É assim que surgiu a "mistura" da Luz e das Trevas, de onde o homem deve tentar sair. Com a mensagem do Reino universal da Luz, da qual todos os homens tinham uma centelha, Mani tentou libertar seus contemporâneos da desorientação e do obscurecimento de sua consciência dividida.

"Escapei do mundo do erro"

A Fraternidade da Vida sempre está empreendendo novas tentativas, por todos os meios, para libertar o homem do dualismo que ele mesmo criou, e para restabelecer seu verdadeiro estado.

Mas este não é um caminho em que toda a miséria e sofrimento podem ser transferidos a uma divindade personificada que colocará automaticamente todas as coisas em ordem. Trata-se, portanto, de um processo radical, no decorrer do qual o ser humano deve tornar-se consciente da existência das duas ordens de natureza. Mani diz: *"Escapei da lei do destino da natureza que não traz em si nenhum germe de libertação, mas que somente opera o declínio e a decomposição. A alma sem orgulho, humilde, sem fama, sem favorecimento, não triunfa sobre nada na região temporária do medo. Escapei deste mundo do erro. A pele de leão que encobria meus membros, eu a rejeitei. Em seu lugar, recebi uma veste santa. Da direita à esquerda, de alto a baixo, andei durante toda a minha vida. Não permiti que meus inimigos apagassem minha lâmpada. Na longa corrida, cheguei onde raramente alguém chegou. Cumpri esta corrida até o seu bom fim. Voltei à minha pátria cantando e jubilando. Vê, consegui até escapar deste corpo mortal".*

Em um outro fragmento, lemos:

"A cruz de luz que a vida universal nos estende, eu a reconheço e nela tenho fé, pois minha alma é um reflexo dela e todas as vidas são alimentadas pela Luz. Mas os cegos não podem compreender isto".

Palavras parecidas com estas encontram-se no Novo Testamento: *"Estou no Pai e o Pai está em mim[...] O Pai e eu somos um [...] Sem mim nada podeis."* As trevas não compreendem estas palavras: elas as qualificam de blasfêmias e partem em luta contra a Luz, demonstrando, desta forma, que a dualidade está nelas.

Possibilidade de fugir da dualidade

Quando alguém tenta escapar das Trevas e de suas ilusões, e orienta-se a partir do núcleo da Luz interior na vida concreta, esta pessoa tem a possibilidade de fugir da dualidade. Dedicando-se a atacar a causa da escuridão dentro dela e aniquilando-a, esta pessoa pode mudar a lei da morte pela a lei da vida verdadeira e chegar à união com o mais Alto. Mani ensina que é preciso vivenciar o mundo dos sentidos e abandoná-lo conscientemente para que a alma possa voltar a sua origem. *"Os homens olham para longe, mas vê: há uma realidade onipresente que está dentro deles mesmos!"*

Estas palavras sempre serão atuais: *"Os homens olham para longe".* Eles voltam seu interesse para o exterior, para os fenômenos já cristalizados, para o lado externo de um universo limitado e para ser entregue à alternância dos

trários. Eles sofrem com o isolamento, que faz nascer o medo e a oposição. Eles percebem que o sofrimento, tanto o seu próprio como dos outros, vai aumentando a cada dia. Eles observam que vão afundando cada vez mais profundamente na matéria (chamando este estado de "estar bem") e que isto os aprisiona. E eles vão vendo que, debaixo do colorido da "melhora", a matéria vai sendo desnaturada.

Quem aceita a Luz encontra a saída

Esta compreensão faz com que os homens busquem uma solução. Eles colocam suas esperanças na política, em uma nova religião ou em uma descoberta científica extraordinária. Mas muitos, no fundo, não querem uma solução, pois isto significaria o fim deste mundo ilusório que eles tão cuidadosamente edificaram. Outros bem que o querem e dispensam toda a sua energia em grupos militantes. Também estes acabam frustrados, mas um dia todos verão claramente que devem buscar a solução dentro de si mesmos. Ora, é aí que as Trevas se põem à corrente da Luz libertadora. Quem aceita a Luz encontra a saída. Quem não quer ver nada, engana-se a si mesmo e continua mergulhado nas trevas.

A partir daí, formam-se dois grupos de homens: os que evitam e afastam a Luz e os que a buscam. É a estes que Mani se dirige, quando diz:

"Toma a tua cruz.
Despreza o mundo.
Liberta-te dos laços de sangue.
Submete o velho homem.
Edifica o novo homem.
Cumpre o santo mandamento.
Dá lugar à pomba
de asas brancas.
Não admitas aí nenhuma serpente."

A pomba de asas brancas é a imagem do princípio divino que está presente dentro do ser humano. Este princípio central deve ser libertado e preservado de qualquer desejo animal, de qualquer inconsciência e ilusão. Somente esta liberdade poderá permitir que o homem voe rumo ao Espírito que o criou.

Eles se espantam com a beleza de tuas asas

Mani fala, especificamente, dos textos seguintes, dos quais ele é autor:

- *O Evangelho Vivo*, do qual apenas conhecemos um fragmento citado no início deste artigo;
- *O Tesouro da Vida;*
- *Pragmatica-mysteria,* textos sobre os gigantes;
- *Cartas;*
- *Kephalaia*

Além disto, há um vasto conjunto de rituais de Mani e de seus discípulos mais próximos reunidos no *Livro dos Salmos de Mani.* O conjunto, com algumas outras descobertas, não somente dá uma visão da Gnosis da igreja maniquéia: antes de tudo, ele dá o testemunho de que a alma pode sair do mundo das Trevas para voltar ao mundo da Luz. É o que expressa, por exemplo, o seguinte fragmento do *Livro dos Salmos:*

Salve, ó alma.
É jubilando
que conduziste tua luta
a um bom fim.
Ficaste livre do antro do leão,
da casa dos ladrões,
deste corpo mortal,
por quem todos choram.
O mar e as ondas,
tu os venceste pela fé.
Os monstros que aí moravam
e que queriam engolir teu barco,
tu os venceste a caminho:

Eles nem te conheceram,
nem te compreenderam.
O pecado está em grande confusão,
pois de repente escapaste dele
e não o seguiste
em sua falta de rumo.
E o fogo de seus demônios
tu os extinguiste
com tua crescente virtude.
Confundiste os caçadores,
que queriam caçar-te.
Desfizeste suas armadilhas.
E olha como eles se espantam
com a beleza de tuas asas;
agora que, magnífica,
te elevas com as águias,
rumo ao pombal da liberdade".

Em 276, Mani foi acusado de heresia, aprisionado e, sem dúvida, levado à morte. Morreu depois de 26 dias de prisão. Não é provável que tenha sido crucificado como se diz. É preciso considerar esta crucificação como a imagem dos sofrimentos e da morte de Jesus. Segundo os textos de Turfan, parece que ele pôde transmitir suas últimas instruções a seus discípulos na prisão.

(M. Boyce, A *reader in manichaean middle Persian and Parthian*, edições Leyde, 1975).

Transmissão perseverante da mensagem

Quando Mani voltou à corte do rei Bahram, em 273, teve que se apresentar diante de um tribunal, que o acusava de traição em relação à igreja do Estado da Pérsia, e que o condenou à morte. Assim terminou sua vida e sua Alma-Espírito voltou para a região da Fraternidade da Vida.

A Igreja da Luz dos maniqueus tinha perdido seu guia, mas ela mostrou-se suficientemente forte para continuar, diante da organização inimiga que crescia rapidamente. Assim, foi sempre transmitindo a mensagem libertadora e fundando comunidades: no Oriente, no Norte da África, nos Balcãs, nos Pirineus.

Os guardiães da Igreja interior da Luz foram combatidos por Roma e exterminados. Mas ele já tinham semeado largamente, para que pudessem nascer as futuras Fraternidades dos bogomilos, nos Bálcãs, e dos cátaros, nos Pirineus. Todas as fraternidades transmitiam a mesma mensagem, mas adaptando sua linguagem ao tempo e às circunstâncias.

Nos primeiros séculos do cristianismo, a atenção se voltava essencialmente para o mundo astral, onde as forças demoníacas roubavam a luz das almas. É por esta razão que os maniqueus tentaram libertar-se de todos os desejos. Eles também evitavam prejudicar os homens, os animais e as plantas, para não ferir a cruz de luz cósmica nestas criaturas (e portanto a alma divina). Aos olhos de seus contemporâneos, eles passavam por loucos a maior parte do tempo, porque se mantinham afastados do mundo e por isso era preciso persegui-los e exterminá-los. Palavras como *mania* e *maníaco* mostram a profundidade do rastro que esta luta contra a Luz deixou na humanidade.

A constituição da igreja de Mani

A igreja crístã de Mani era estruturada a partir dos diversos graus do desenvolvimento interior. Ele mesmo a encabeçava, como *Apóstolo de Jesus Cristo*. Junto a ele, eram mantidos doze instrutores ou *Filhos da Misericórdia*. Seis *Filhos Iluminados pelo Sol do Conhecimento* assistiam a cada um deles. Estes *"epíscopos"* (bispos) eram auxiliados por seis *presbíteros ou Filhos da Inteligência*. O quarto círculo compreendia inúmeros *eleitos*, chamados de *Filhos e Filhas da Verdade ou dos Mistérios.* Sua tarefa era pregar, cantar, escrever e traduzir. O quinto círculo era formado pelos auditores ou *Filhos e Filhas da Compreensão.* Para este último grupo, as exigências eram menores. Eles deviam seguir, sobretudo, os dez mandamentos seguintes como fio diretor de sua vida cotidiana:

1. Não adorar nenhum ídolo;
2. Purificar o que sai da boca: não jurar, não mentir, não levantar falso testemunho ou caluniar;
3. Purificar o que entra pela boca: não comer carne, nem ingerir álcool;
4. Venerar as mensagens divinas;
5. Ser fiel a seu cônjuge e manter a continência sexual durante os jejuns;
6. Auxiliar e consolar aqueles que sofrem;
7. Evitar os falsos profetas;
8. Não assustar, ferir, atormentar ou matar animais;
9. Não roubar nem fraudar;
10. Não praticar nenhuma magia ou feitiçaria.

Um irmão de uma comunidade maniqueísta.

O CAMINHO QUÍNTUPLO DA LIBERTAÇÃO SEGUNDO MANI

O método iniciático de Mani visa o restabelecimento da unidade entre a alma e o Espírito, pois é seu estado de separação que é a causa da dualidade. Esta unificação acontece por meio de um processo quíntuplo, simbolizado, entre outros, pelos cinco degraus do estrado que conduzem ao trono vazio do "Bema".

Os dois princípios do Sol e da Lua, do Espírito e da alma existem desde sempre dentro de nós, mas eles não estão mais unidos. O processo do restabelecimento da ligação é descrito da seguinte maneira, em um salmo maniqueu:

"Cinco são as Grandezas que reinam desde o princípio. Todas emanaram do Espírito único. O Espírito Santo vem em cinco forças. A alma o recebe em cinco órgãos. Ele liberta os membros da alma e os destaca dos cinco membros do pecado. Estes cinco membros do pecado, assim desatados, ele os prende. Ele eleva então os membros da alma, os reconstrói, os purifica e a partir deles, forma um novo Homem, que é o Filho da Justiça".

Em um texto extraído dos *Kephalaia*, Mani ensina detalhadamente como a alma, ou o homem interior preso dentro do corpo, vai sendo pouco a pouco liberto pelo Espírito de Luz. Ele mostra as cinco forças da alma: *o pensamento, a razão, a reflexão, a inteligência e o sentimento.*

Elas estão ativas nas diferentes partes do corpo (ossos, nervos, veias, carne e pele) e são dominadas pelo espírito das Trevas, que reina no corpo. É a lembrança de sua origem, de sua pura forma primitiva, que desperta a alma que está presa. Então, ela chama pelo Espírito de Luz, que vem em seu auxílio:

"Ele coloca seu Espírito, que é Amor, no espírito do Novo Homem.

Seu Pensamento, que é Fé, no pensamento do Novo Homem, o qual ele liberta.

Seu Discernimento, que é a Perfeição, no discernimento do Novo Homem.

Sua Compreensão, que é Paciência, ele a coloca na compreensão do Novo Homem.

E a Sabedoria, que é Razão, na razão do Novo Homem.

Ele purifica a imagem da Palavra pecadora e a coloca em sua palavra [..]

O espírito das Trevas é aprisionado. [...]

Por outro lado, o Novo Homem reina em seu Amor, sua Fé, sua Perfeição, sua Paciência, sua Sabedoria"

(*Kephalaia 38*, a partir da tradução direta do copta para o Inglês, por R. Allberry).

O Bema é a festa da Paixão de Mani, assim como a festa da Ressurreição de Manu, o Homem original. Ele era celebrado em memória da morte e da ressurreição interior de Mani. O Bema, trono vazio no alto de uma escada de cinco degraus, também é o símbolo do processo quíntuplo do renascimento da alma pelo método do Chamado e da Resposta, que encontra-se na forma de rogação e de louvor dos salmos maniqueus.

Tradução Hannedouche S., Maniqueísmo e Catarismo, ed. dos cadernos de estudos cátaros, edições Arques, 1967, p.32.

Uma mulher maniquéia (afresco de um templo em Chotscho, aproximadamente no final do século IX).

Texto Extraído dos Salmos

Alma, Alma,
lembra-te do éon da Luz.

Ó Alma, de onde vens?
Vens do alto.
És estrangeira no mundo.
Estás apenas de passagem na terra.
Tua morada é no alto,
uma tenda de alegria.
Aí, tens um verdadeiro pai e uma
verdadeira mãe.
Aí tens verdadeiros irmãos.

És uma batalhadora.
És a ovelha que vagueia no deserto.
Teu pai está te procurando
e por teu amor
o pastor saiu em tua busca.

És a vinha de cinco ramos,
que é o alimento de Deus,
o alimento dos anjos,
a veste dos justos,
o manto dos santos,
o conhecimento dos perfeitos,
a memória dos crentes.

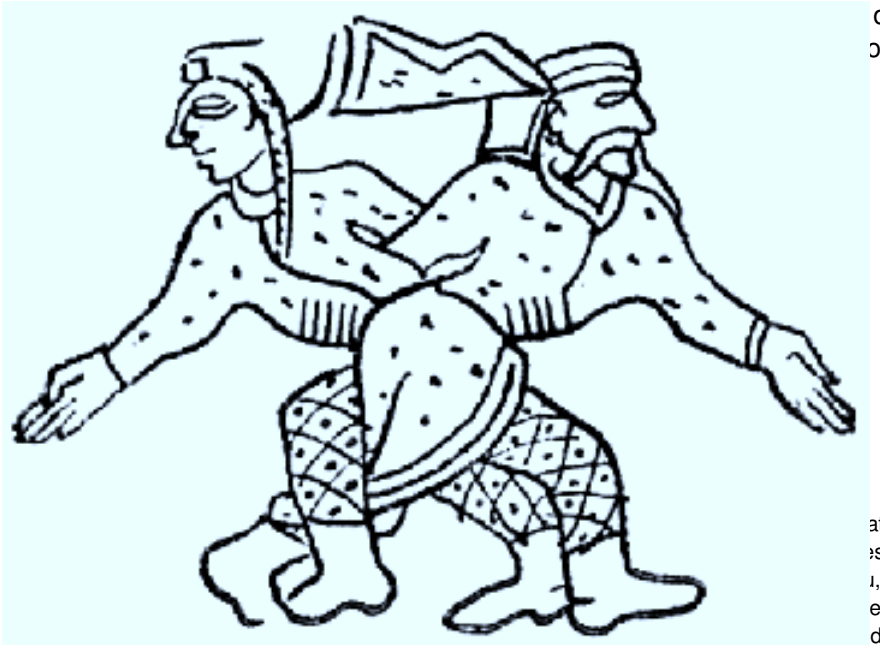
Ó Alma, levanta-te
nesta casa cheia de pesares,
ladrões e demônios.
Não te enganes.
Todos querem tua vida.
Caçadores de morte
eles pegam o pássaro na armadilha
e quebram suas asas,
para impedir que ele volte ao ninho.
Ó Alma, levanta-te!
Volta para tua Pátria.
Já te libertaste dos laços que
te prendem.
Entra na morada da alegria.

Brilha por toda a eternidade.

A CRIAÇÃO SEGUNDO A COSMOLOGIA DE MANI

As forças contrárias se infiltraram no mundo original divino. Se o Bem original fosse liberado no mundo da queda, a separação entre o bem e o mal desapareceria e todas as almas seriam salvas.

De acordo com a doutrina revelada por Mani sob a forma de uma religião monoteísta, o Pai da Grandeza é o criador de doze Éons ou Primeiros-nascidos. Estes são também chamados de “doze horas”, ou “fases”, do desenvolvimento do cosmos, e constituem o Primeiro Dia de manifestação. No Segundo Dia, o Filho que carrega o macrocosmo manifesta-se e cria os homens, os animais e as plantas. No Terceiro Dia, surge a alma de luz em crescimento, que é o primeiro homem. Entre estes Dias de Manifestação caem as Grandes Noites das Trevas, que são períodos de repouso para a preparação para o Dia seguinte. Cada Dia traz novos elementos à Criação. No total, houve sete Grandes Dias e quatro Grandes Noites, dos quais completou-se o.



ate” entre a Luz e as Trevas, espada de Snartemo encontrada u, na Hungria. O princípio da econhecido pelas populações de Migração.

O RESTABELECIMENTO DO FOGO SERPENTINO

O primeiro homem, ou o homem verdadeiro, é o veículo no qual o Espírito universal pode manifestar-se. O plano de desenvolvimento deste homem foi depositado sob a forma de uma centelha de fogo divino na substância primordial. Mani lhe dá o nome de "microcosmo" porque aí está gravada a imagem do universo em toda a sua extensão.

Chavannes e Pelliot, pesquisadores franceses, citam um trecho da cosmologia de Mani, em seu *Tratado: "Neste [microcosmo], por transformação, eles [o Príncipe das Trevas e seus daimones [forças naturais] constituíram o corpo do homem e aí aprisionaram as naturezas luminosas, a fim de imitar o grande mundo; assim pois o corpo carnal foi, embora em tamanho menor, a imagem fiel de ponta a ponta do universo dos céus e da terra".*

As regiões do espaço e do tempo ficaram submetidas ao ciclo da vida e da morte, circuito fechado que mantém prisioneiro o princípio eterno do mundo do Espírito. Um hino maniqueu diz: *"Vim da Luz e dos Deuses e vivo em exílio, apartado deles.[...] Sou um deus, nascido dos Deuses, que brilha, irradia, cintila, sendo luminoso, perfumado e belo, mas que agora está fadado a sofrer".*

Jacob Boehme, o grande teósofo cristão do século XVII vê o microcosmo à imagem do macrocosmo (que não deve ser confundido com o cosmo). *"Sete rodas giram umas dentro das outras; umas geram perpetuamente as outras, que vão de todos os lados e no entanto nenhuma desaparece e nem sequer volta atrás..."*

Podemos dizer também que estas sete rodas são os sete espíritos diante do trono de Deus. Elas não têm nenhum centro, porém giram em volta de um centro comum e vão gerando umas às outras.

O Espírito é o pólo dominante

O núcleo da manifestação divina é a "roda flamejante da Vida". Este núcleo ou mônada tem dois pólos. Um encontra-se no centro, mais ou menos na altura do coração. É o pólo feminino, negativo, receptor e gerador: a Alma. O outro pólo, que está em ligação com a glândula pineal, situa-se na parte superior da cabeça, diríamos que na periferia da roda de fogo. É o pólo masculino, positivo, emissor e dominador: é o Espírito.

A personalidade temporária, com seus diferentes veículos ou envoltórios pode ser comparada a um órgão transplantado a cada nova encarnação no campo de manifestação. Podemos definir a personalidade como um sistema de veículos de matéria grosseira e sutil, em que a alma tem a possibilidade de expressar-se, da mesma forma que a terra material é o meio de expressão da Terra sétupla. Portanto, a alma dispõe de diferentes corpos que se envolvem e se interpenetram mutuamente: um corpo de matéria bruta, portador dos sentidos materiais; um corpo etérico, de matéria sutil; um corpo de sentimento ou corpo do desejo, constituído de substância astral. É este corpo que é

qualificado como “espiritual” no ocultismo. De fato, ele é mais sutil do que os dois primeiros, mas tão material quanto eles. Enfim, o germe de um corpo mental ou corpo do pensamento é freqüentemente chamado de intelecto. No entanto, ele ainda não está desenvolvido e também pertence à região da vida material.

O reflexo do homem celeste

O corpo triplo ou quádruplo do homem terrestre é um reflexo de uma parte do Homem perfeito, o Homem celeste. Ele é mantido em bom estado por cinco fluidos ou correntes de força que formam o que chamamos de sua “veste-de-luz”. Estes fluidos são:

- A chama da consciência
- O fogo serpentino (o sistema nervoso cérebro-espinal)
- O fluido nervoso
- Os órgãos de secreção interna
- O sangue.

Um salmo maniqueu fala a respeito desta alma quíntupla, desta pura veste-de-luz, evocando o sacrifício e a descida do Homem primordial nas trevas:

“Este (o Homem primordial) fez com que emanasse dele sua Serva, equipada com cinco forças, a fim de combater os cinco abismos das trevas.

Quando ele chegou às fronteiras do país da Luz, ele lhes mostrou sua Alma, a ‘Pura Serva’.

Então, do fundo de seus abismos, eles se rebelaram e, em seu desejo de se elevar acima d’ Ela, abriram sua goela para engoli-lo.

Mas o filho mantinha firmemente as rédeas da Alma.

Como uma rede sobre peixes, ele a estendeu acima deles; ele a fez cair como chuva sobre as profundezas abissais, como nuvens de água pura.

Ela lançou-se em meio a eles, tal como um lampejo fulgurante, penetrou em suas entranhas e os prendeu a todos, sem que eles o soubessem”.

A Coluna de Louvor

Segundo as tradições esotéricas e os dados atuais transmitidos por Jan van Rijckenborgh em seus livros, o homem interior, digamos “espiritual”, possui de cada lado de sua medula espinal (*shushumna* ou, em termo maniqueu, *“a coluna de louvor”)* dois outros canais de consciência. Estes dois cordões do nervo simpático, chamados de *“Pingala” e “Ida”,* encontram-se à esquerda e à direita da coluna vertebral. Um é solar, masculino, criador. Outro, é lunar, feminino, receptivo. De acordo com a tradição hindu, eles asseguram a circulação do *“prana”* (sopro, alento, ou alimento sutil) no corpo.

Nos textos maniqueus, eles são simbolizados por “barcos” do Sol e da Lua que conduzem regularmente para o Mundo original as parcelas de Luz arrancadas pelas forças da matéria. *“Ida” e “Pingala”* cruzam-se seis vezes sobre *“shushumna”* e cada um destes pontos de encontro é chamado de *“chakra”*. Ainda existe um quarto *chakra* ligado ao órgão da pineal (palavra que vem de *“pinea”*, que quer dizer fruto do pinheiro, pinha).

Os *chakras* são centros de força em relação ao sistema nervoso e ao sistema de glândulas de secreção interna e que, em um movimento rotatório, captam as energias necessárias para a manutenção da vida em uma determinada situação. Eles giram mais ou menos depressa, mas todos rodam no mesmo sentido. Nos homens que vivem inteiramente da natureza terrestre, eles giram no sentido inverso aos dos ponteiros do relógio. Nos que estão voltados para a espiritualidade, em direção ao plano de Deus, eles giram no outro sentido. Quanto mais uma pessoa se interessar pelos diversos aspectos da vida, mais rapidamente os *chakras* irão girar. A filosofia oriental simboliza estes dois movimentos dos *chakras* pela dupla suástica *("swastika")*, sendo que uma representa a "roda da vida" e a outra, a "roda da morte".

O renascimento da alma desenvolve-se a partir de um processo clássico que Mani descreve sob a forma de "Chamado do espírito" e da "Resposta do homem". Trata-se de um movimento duplo, de descida e de subida da Luz no fogo serpentino: um movimento salvador que liberta a Alma-Espírito, a mônada, de sua sujeição ao espaço e ao tempo. No decorrer deste processo de subida, o sentido de rotação dos *chakras* se inverte. Portanto, o sentido de rotação dos *chakras* mostra como está o processo de renascimento. Quando em um ser, os *chakras* começam a rodar no outro sentido, podemos dizer que ele foi literalmente *convertido* e este é o ponto de partida para um desenvolvimento espiritual sétuplo, cuja sétima fase é a "coroação". O pólo monádico do Espírito pode descer na pineal, depois no canal central

" Permanece eternamente voltado para a tua missão"

Que devo fazer para viver?
Meu Salvador,
que devo fazer para viver?

Jejua, ó alma, e viverás!
Dá repouso a tua mão.
Reveste-te com a pureza da Verdade.
Dá a tua Inteligência o dom do Amor.
Oferece a tua razão a Fé.
Dá ao teu pensamento a Perfeição,
ao teu direcionamento, a Perseverança,
à tua vontade, a Sabedoria.
Cria o espaço em ti para as pombas
de asas brancas.

Que elas morem em ti.
Para não assustá-las,
não acolhas em ti nenhuma serpente.
Não abrigues a cólera...

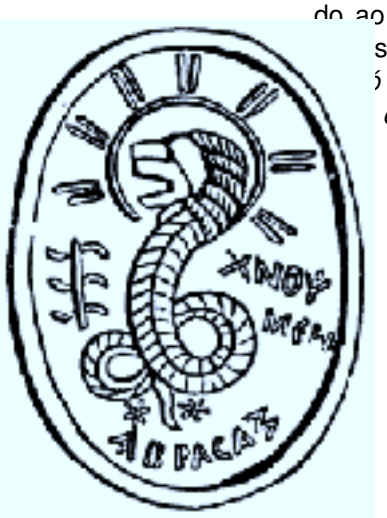
A Fé é quem comanda.
Aperfeiçoa a tua Perfeição.
A tudo suporta com Paciência.
Com o Conhecimento tudo compreenderás.
Guarda a Lei interior.
Aperfeiçoa teus atos.
Permanece eternamente voltada
para tua missão.

(A partir da tradução direta do copta para o inglês, por Allberry).

da medula espinal. No decorrer deste caminho, o buscador, o homem espiritual verdadeiro, penetra o mistério em que ele celebra a derrota definitiva do "eu". Somente quando a alma verdadeira estiver completamente restabelecida é que ela poderá ligar-se ao Espírito. É então que começa a transfiguração, que é o metabolismo perfeito.

"Atividade luminosa"

Então, o Novo Homem pode, em termo maniqueus, ser segurado pela mão do Espírito vivente e sair das trevas. Ele venceu a morte. O novo corpo mental está edificado. Nesta nova veste-de-Luz, o Espírito pode novamente revelar-se. O homem torna-se, então um Homem de verdade um Manas, um Mani, Manu, um ser onisciente em quem as infinitas possibilidades divinas se manifestam. Surgem os três poderes do Novo Homem, os três selos: o Intelecto luminoso, que novamente penetra nas profundezas da Sabedoria divina; o Sentimento luminoso, que novamente vibra em harmonia com *"o som da maravilhosa Lei"*, a força de amor que sustenta o universo; esta é a Atividade luminosa, a ação que se tornou oração, inteiramente voltada para o cumprimento do plano divino de libertação da Luz. Transformado em um autêntico Perfeito, este homem irradia através de sua nova Alma, simbolizada em representações maniquéias pela "veste branca". Para este Homem, o fim dos tempos, o *"tempo vindouro"* já chegou. Ele conseguiu restabelecer internamente a triunidade Espírito-Alma-Corpo, simbolizada nos textos maniqueus pela veste da alma, a coroa do espírito e o cetro da nova consciência, que são atributos do verdadeiro rei-sacerdote. Então, do coração do "homem pneumático" jorra este antigo canto de louvor dos antigos Irmãos maniqueus, dedicado ao Mani de todos os tempos: *"Tu nos livraste da dor, ó Senhor. ó Paracleto, espalhaste sobre nós a alegria. Todas as igrejas celebram teu mistério. Hoje, ofertamos nossa rosa, como as árvores dão seus frutos, a fim de que ela se torne uma coroa que colocarás em nossa cabeça".*



Mani pinta a tampa de vidro de uma fonte de água (miniatura).

Abraxas como Serapis. Para Mani, Cristo é a encarnação de Abraxas, o Sol (amuleto egípcio, Rivers of Life, J. G. R. Forlong).

Encontro do caminho horizontal e do caminho vertical

A doutrina maniqueísta fala a respeito de três tipos de homens. De um ponto de vista histórico e teológico, esta divisão corresponde freqüentemente a características raciais ou à situação social. Esta forma de discriminação existe há séculos e sempre está na base da separação entre as classes dirigentes e as classes trabalhadoras em certas culturas. Entretanto, deduz-se da doutrina de Mani que esta distinção diz respeito a três fases do desenvolvimento interno.

A partir da morte de Mani, tudo foi feito a fim de apagar todos os vestígios de sua doutrina pacifista tão amplamente divulgada. Entretanto, ainda restam fragmentos que mostram como e por que ele falava de três tipos humanos. Em uma passagem dos *Salmos, é dito que: "a Igreja perfeita é uma, duas e três".*

Assim como os gnósticos em torno de Valentino, os nazarenos e os cátaros da Idade Média, Mani dividia a humanidade entre "os eleitos" e os "chamados". Juntos, eles formam um só todo, uma só humanidade, uma só comunidade, uma só igreja ou *ekklesia*. Na comunidade maniquéia, os membros destes dois grupos viviam com toda a liberdade, igualdade e fraternidade, qualquer que fosse o seu lugar ou a sua tarefa. Entre os "eleitos" havia três graus que correspondiam ao desenvolvimento espiritual interior. O primeiro grau dizia respeito àqueles em quem o Espírito divino estava agindo. O segundo, àqueles em que a alma original estava se tornando dinâmica. E o terceiro, àqueles que ainda aspiravam à libertação da alma original.

Esta divisão não aparece com clareza nos textos encontrados no Egito e na China, mas podemos deduzi-la a partir da disposição da estrutura do templo tríplice que acaba de ser descoberto pelo pesquisador alemão A. von le Coq, em Turfan.

Todas as revelações apresentam três aspectos

Sabe-se que as doutrinas gnósticas admitem, em geral, três níveis de desenvolvimento: primeiro, o nível de ensinamento escrito, que é acessível a todos e exposto no "átrio" de uma escola de Mistérios. Segundo, um ensinamento oral, que é exclusivamente transmitido a um círculo restrito. Terceiro, um ensinamento puramente espiritual e imaterial, que não é revelado abertamente.

Todas as revelações apresentam, portanto, três aspectos: um aspecto exterior ou exotérico; um aspecto interior ou esotérico; e um aspecto espiritual. Estes três aspectos da doutrina relacionam-se com os três tipos de homens conhecidos na tradição gnóstica como os "hílicos", os "psíquicos" e os "pneumáticos" (materiais, psíquicos, espirituais).

Provavelmente é a esta distinção que se refere a utilização das cores negra, vermelha e dourada nos textos e pinturas maniquéias. O ensinamento interior dos maniqueus visava a fazer atingir o estado "pneumático". Na doutrina moderna da transfiguração, transmitida

derna da transfiguração, transmitida pela Rosacruz Áurea, trata-se de aspirar à purificação do ser humano, à libertação da alma e à efusão do Espírito divino. Esta terceira fase pode ser comparada à fase em que os "pneumáticos" conseguiam atingir seu objetivo, entre os maniqueus. Os "eleitos" provam, assim, a unidade que transcende as dimensões do tempo e do espaço, assim como o ciclo da vida e da morte.

Este processo começa no mundo das forças contrárias A centelha de Luz – que é o germe do verdadeiro Homem – deve ser liberta dos véus da matéria de acordo com o tríplice processo alquímico: separar, purificar, reunir. As fases "hílica" e "psíquica" são consideradas como a preparação para a efusão do Espírito na alma. Um homem só é verdadeiro quando o Espírito se manifesta nele. Sócrates falava neste contexto sobre seu *daimon.* Mani, falava de seu "Gêmeo" ou "Duplo". Ibn Arabi e Krishnamurti falavam a respeito da intervenção de seu "eterno Companheiro". Hermes Trismegisto, falava sobre o acesso à "Natureza Perfeita", enquanto que Jan van Rijckenborgh o designa como "O Outro" dentro de nós.

Os crentes ou os ouvintes da comunidade maniquéia eram membros da "Igreja que foi chamada". Para eles, ainda não se tratava de levar uma vida interior como era exigida dos eleitos. Eles descobriam a doutrina exterior antes de se engajarem no processo de transformação interior. A História conta que Agostinho, Pai da Igreja de Roma, ficou apenas na fase dos ouvintes. Durante 9 anos ele fez parte do círculo exterior da Fraternidade maniquéia do norte da África. Quando ele achou que não podia compreender a doutrina nem sondar suas profundezas, saiu deste caminho e converteu-se ao catolicismo romano, amargurado e decepcionado. Entretanto, quando um ouvinte era impulsionado por um ardente desejo do coração e queria prosseguir, ele podia entrar na Igreja interna.

Uma estrutura vertical e horizontal

Enfim, havia um grupo de pessoas que continuavam no exterior porque não queriam ou não podiam seguir a doutrina. Entretanto, quando se tornavam conscientes do caminho da libertação interior que Mani ensinava a seus discípulos, eles podiam tornar-se "crentes" e até mesmo "eleitos", como Paulo de Tarso que, de perseguidor dos primeiros cristãos, tornou-se "apóstolo de Jesus", e a quem as comunidades maniquéias ocidentais tinham em alta estima.

As comunidade maniquéias, assim como as primeiras comunidades budistas ou gnóstico-cristãs, apresentavam uma estrutura ao mesmo tempo horizontal e vertical. A estrutura vertical corresponde ao caminho que conduz da matéria ao Espírito divino. A estrutura horizontal mostra o triângulo equilátero da liberdade, igualdade e fraternidade de todos os homens. A linha horizontal e a linha vertical se encontram no ponto em que os homens que "se converteram" e "se prepararam" têm a possibilidade de ser tocados pelo Espírito Santo e de seguir o caminho que conduz à imortalidade.

Manuscritos do tempo de Mani e de seus discípulos

Em 1930, o professor Carl Schmidt descobriu um certo número de textos coptas em papiro, em Medinet Mai, no Egito. Ele pôde, assim, estabelecer que uma parte provinha de uma comunidade maniquéia do século II e do século IV.

Estes papiros, manchados e rasgados, encontravam-se em uma caverna úmida, fechados em um cofre, esperando um comprador. Mas até então ninguém havia se interessado por eles. Assim, o professor Schmidt e seu colega Allberry compraram estes manuscritos gravemente danificados pela umidade e pelo sal, e confiaram sua restauração ao especialista Ibscher, em Berlim. Os experts pensaram que eles eram irrecuperáveis. Entretanto, Ibscher conseguiu separar as páginas umas das outras e as reuniu em pequenos fragmentos. Em seguida, elas foram reclassificadas e decifradas por Allberry. Os textos estavam em uma variante copta pouco corrente.

Depois de muitos anos, Allberry terminou uma tradução inglesa dos *Kephalaia, das Homilias* e de alguns rituais. Segundo as tradições árabes, a maioria dos manuscritos foi queimada no decorrer da perseguição aos maniqueus. *"Quando queimaram seus livros, muitas pedras preciosas saltaram deles e do fogo escorria ouro líqüido"*, dizia a lenda. Estas palavras referem-se, sem dúvida, não somente à grande riqueza de sua decoração, mas também à sabedoria que deles emanava.

O texto mais importante e mais completo é uma versão que dizem que é

Turfan, tesouro da sabedoria antiga

A partir das primeiras escavações de Turfan, no início do século XX, uma grande diversidade de manuscritos foi descoberta.Textos budistas em uigur, saquiano, soguidiano, e parta, chinês e tangutiano, ao lado de poemas e tratados econômicos em sakiano, cartas comerciais em soguidiano, textos de Mani em soguidiano, e em escrita maniquéia, textos nestorianos em soguidiano e em siríaco. Além disso, textos maniqueus em uigur, chinês, parta, persa médio e persa clássico. E principalmente textos em escrita kharoshti, em prakrit, em sânscrito, mongol, phakpa.

O pesquisador francês Pelliot diante de um depósito secreto de manuscritos em Turfan, na China (La Haute Asie, P. Pelliot).

Ruínas no Fayum, Egito, onde foram encontrados livros maniqueus em 1930.

grega: *Mani-Vita* (o texto traz o título *"Sobre em que seu corpo se tornou").* Este manuscrito, do século IV ou V foi encontrado no Egito e está registrado sob o código *Keulse Codex.* Este codex dá uma resposta definitiva à questão da origem do maniqueísmo. É um texto em pergaminho, em um formato pequeno, de 192 páginas. Uma parte dele já desapareceu. As pranchas do texto não medem mais do que 3,5 cm de altura por 2,5 cm de largura e compreendem, em média, 23 linhas.

Quase todos os manuscritos, afrescos e miniaturas que foram encontrados na Ásia Central provêm do Oásis de Turfan. O arqueólogo Le Coq descreve sua descoberta assim: *"todo o chão da peça estava recoberto de uma camada de 8 cm de espessura de uma matéria enegrecida, mole e úmida, e por toda a parte surgia ouro e cores. Depois de examiná-la, percebemos que esta camada espessa era feita de livros maniqueus completos. Eles estavam danificados pela umidade e apodrecidos, mas não dilacerados ou rasgados por adversários eventuais. Muitos apresentavam iluminuras. Alguns, depois de serem secos, apresentaram linhas de cores brilhantes. Entretanto, apesar de todos os nossos esforços, não conseguimos salvar estes textos de tão grande valor".*

Mani escreveu um livro que ele chamou de Evangelho Vivo e que seus discípulos chamaram de Evangelho de Mani. O texto se apóia no livro ilustrado "Ardahang" . As ilustrações e decorações deste livro apresentam uma grande conformidade com as iluminuras do próprio Mani. No total, ficaram conhecidos sete livros de Mani: O Evangelho Vivo, o Tesouro da Vida, Os Atos, O Livros dos Mistérios, o Livro dos Gigantes, O Livro de Preces, Os Salmos e As Preces. Eles formam, em conjunto, o Heptateuco, do qual apenas restam citações. Os Kephalaia (Fundamentos da Fé) escritos em língua copta contêm citações de Mani, que em sua origem eram em siríaco. Mani declara que seus predecessores – Jesus, Zoroastro, Buda – não escreveram sua doutrina. Eles instruíram seus discípulos, que escreveram em seguida as palavras de seus mestres " como eles se lembravam delas".

Para o rei Shapur, Mani fez um conjunto de desenhos conhecido como Sabuharagan. Ardahang é o livro em que ele transmite sua doutrina sob a forma de imagens alegóricas e o Ardahang Wifras dá as explicações. Mani achava muito importante que sua doutrina fosse transmitida na língua e segundo as tradições de cada país. Isto explica, sem dúvida, porque as interpretações ocidentais contêem nuanças de cristianismo, enquanto que os textos iranianos oferecem símbolos persas e os textos da Ásia Central e da China apresentam metáforas budistas.

A SABEDORIA É MAIS IMPORTANTE NA LÍNGUA QUE NO CORAÇÃO

Um de seus discípulos levantou-se e perguntou ao Apóstolo: "Rogo-te, meu Senhor, dá-me instrução. Quando um ser humano é instruído na sabedoria e ele a sela em seu coração, isto o faz rejubilar-se grandemente; entretanto, sua [alegria] é ainda maior quando ele a proclama e a expressa. Ele é iluminado por ela, [ela] irradia ainda mais dentro dele, ela se desvela diante dele e, por ela, ele se reveste de força e de verdade".

Este discípulo acrescentou: *"Sei [...] que a palavra que pronunciei [é correta]. Sei que a sabedoria que aprendi, da qual meu coração está preenchido e que é perfeita em minha alma não pode brilhar em mim nem crescer dentro de mim a não ser que eu a proclame com minha boca, anunciando-a aos outros. De fato, quando eu a proclamo e a dou aos outros para que a ouçam, torno-me como eles, como se eu jamais a tivesse ouvido durante o meu desenvolvimento. Aspiro a ela ardentemente e meu coração está atraído pela sabedoria que eu proclamo. Agora [rogo-te], dá-me instrução, meu Senhor: por que a sabedoria aumenta cada vez mais em mim quando eu a anuncio, do que quando ela está selada em meu coração?"*

O Apóstolo respondeu a este discípulo: *"Como é boa a tua pergunta! Pois é grande a palavra que me pedes: de onde vem esta grande alegria em mim, por causa da sabedoria que eu anuncio [...]? Como ela é maior em minha língua quando eu a anuncio, do que quando ela está em [meu coração]? Tu mesmo entras em júbilo por causa dela, mas também o outro, que a ouve de ti, exulta e é iluminado por ela. Ele recebe dela uma força permanente. O mesmo acontece com uma criança concebida no ventre de sua mãe: ela jaz em seu seio e preenche suas entranhas. A mãe sabe e reconhece que a criança da qual ela está grávida está viva dentro dela. Ela se rejubila até a hora em que dá a luz a ela e quando ela sai de dentro dela, com seus [membros sadios], com uma beleza perfeita, sem defeito [no] ar vivo, mais vasto, bem mais vasto que o primeiro ar em que ela se encontrava, e seus olhos se enchem de luz e ela fala com a voz viva daqueles que já nasceram. Pois, no momento em que esta mulher concebe a criança em seu seio, sua alegria não é tão grande como quando ela a recebe, ou como no momento em que ela dá a luz a ela, quando ela a vê e percebe em um instante sua beleza plena. O amor e a alegria que ela tem por esta criança são cem vezes maiores do que antes, quando ela a faz nascer e a vê. Pois, no tempo em que ela estava grávida desta criança, sua beleza e o olhar de seus olhos estavam ocultos para ela. Mas, quando ela a põe no mundo, e vê sua beleza, [...] seu brilho surge diante dos olhos de seu pai, de sua mãe e de todos os seus parentes. E eles se rejubilam cada vez mais por causa disto, quanto mais eles a olham, face a face, e vêem sua beleza e a sedução que emana desta criança. Nesta parábola, a sabedoria que se encontra no coração humano pode ser comparada à criança que vive dentro de sua mãe. Mas, quando ele é ensinada e confirmada nos*

Mani ensina às mulheres os mistérios da Igreja da Luz (manuscrito persa do século XVIII).

corações, ela se torna como a criança que foi posta no mundo, de modo que podemos ver sua beleza. Assim acontece com a sabedoria que proclamamos, exprimindo-a com o coração. Ela vai crescendo cada vez mais. Sua grandeza e magnificência vão redobrando conforme sua beleza e seu esplendor vão-se revelando aos olhos dos que a ouvem, e ela vai crescendo diante de ti [...] e tu te maravilhas do que estás proclamando.

Ainda uma vez, assim acontece com a sabedoria: quando ela está oculta no ser humano, antes de ser proclamada, ela parece um [lampejo] do fogo que está oculto na madeira. Mas esta madeira [contém] o lampejo do fogo, enquanto que a veste de fogo [que está] na madeira ainda não se manifesta. Agora, vê: [...] colocamos o lenho dentro de casa. Não é possível que ele ilumine esta casa enquanto a luz continuar dentro dele: somente quando ele for colocado sobre o fogo, então a luz sairá dele e é possível que esta casa fique inteiramente iluminada pela luz de um só lenho. Assim acontece com a sabedoria que se encontra no coração humano. Ela é como o fogo que está oculto na madeira: enquanto sua luz não se manifestar, seu esplendor estará oculto no coração. Mas, quando um ser humano a proclamar, seu esplendor se revelará aos olhos e aos ouvidos de muitos."

Novamente o discípulo falou ao Apóstolo: *"Se a sabedoria é semelhante ao exemplo que me deste, por que certos homens se rejubilam quando ouvem a palavra da sabedoria e a honram, ao passo que a outros ela não traz nenhuma alegria enquanto a ouvem, e eles nem a honram?"*

"Vê", disse-lhe o Apóstolo, *"vou te convencer a afirmar a fé em teu coração e vou instruir-te de tal modo que isto fique evidente para ti. Esta sabedoria é semelhante à criança sobre a qual falamos. Uma mulher a concebeu. Quando ela nasceu, seu pai, sua mãe e seus parentes se rejubilaram, mas outros ficaram aflitos, pois eles são estranhos para ela. Eles não pertencem ao seu círculo. Eles não se rejubilam por causa desta criança porque ela não pertence à família deles. O mesmo acontece com a sabedoria. Quando a boca do mestre a proclama, os que pertencem a ela a recebem e se rejubilam com ela, mas os que lhe são estranhos não se rejubilam [...] e não a aceitam. É como a luz do fogo da qual te falei, que provém da madeira [e se manifesta] para fora, diante dos olhos de todos. Quem vê percebe a luz que provém da madeira, mas o cego, não. Aquele em quem o Espírito está (o Nous) tem a sabedoria; quando ele a ouve, ele a recebe. Aquele em quem o Espírito não está, que lhe é estranho, não a recebe e nem a ouve".*

Quando o discípulo ouviu isto, rejubilou-se. E convenceu-se em seu coração daquilo que ele (Mani) lhe havia ensinado. Então, inclinou-se e, tomando o seu lugar, sentou-se.

(*Kephalaïa* 7:84, a partir da tradução direta do copta para o inglês, por Allberry)

“Queremos colocar Mani em plena luz,
a luz da Gnosis, pois chegou a hora em que
muitos estarão buscando a Luz dentro de suas almas”.

(Mani, um mensageiro que
abalou o mundo, p. 5)